



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A DOCÊNCIA MASCULINA: estado da arte e a realidade do DF

SUZANA MEDEIROS DINIZ ARAUJO

BRASÍLIA-DF, 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A docência masculina: estado da arte e a realidade do DF

SUZANA MEDEIROS DINIZ ARAUJO

Trabalho de conclusão de curso apresentada a comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito final para a obtenção do título em Pedagogia – licenciatura plena.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Augusta curado Pinheiro Cordeiro da Silva.

Brasília, Janeiro de 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FICHA CATALOGRÁFICA

ARAUJO, Suzana Medeiros Diniz.

A docência masculina: estado da arte e a realidade do DF

XVI p. 65 p.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva

Monografia (trabalho de conclusão de curso), UnB, 2015.

1. Trabalho docente. 2. Gênero. 3. Professor da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental

I. Kátia Augusta Curado P. C. Silva. II. Universidade Federal.

BRASÍLIA, JANEIRO 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

A docência masculina: estado da arte e a realidade do DF

COMISSÃO EXAMINADORA

Trabalho de conclusão de curso aprovada como requisito final para a obtenção do título de Pedagoga – licenciatura plena, Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Professora Doutora Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva- Orientadora
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Professora Doutora Shirleide Pereira Silva Cruz – Membro titular da banca
Faculdade de educação – Universidade de Brasília

Professora Especialista Samantha Almeida Pereira – Membro titular da Banca
Secretaria de Educação

Brasília, Janeiro de 2015

Dedicatória

*Dedico a Sra. Antonia Medeiros de Araujo.
A minha mãe.
Porque essa mulher foi a pessoa que me fez ter força.
Sua história de vida me encanta e me encoraja.
Te amo.*

Agradecimentos

Bom, hora de agradecer.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pois acredito que a fé nos dá força para fazer aquilo que acreditamos não ser possível, ou que pelo menos não acreditamos estar dentro das nossas possibilidades.

Agradeço a minha mãe, por ter me colocado no mundo e por me inspirar com sua história de vida que têm tantos obstáculos superados, além de ter cuidado de mim a vida inteira sozinha, ser mãe solteira não é nada fácil, reconhecendo isso tenho feito de tudo para que através dos estudos eu possa fazer com que ela fique muito orgulhosa da única filha que tem. E pode ter certeza que pra mim ela é a pessoa mais especial que há no mundo. A pessoa que eu mais amo.

Não posso deixar de agradecer aos meus padrinhos, Marilene Vieira e Marcos Ronaldo, por terem acreditado em mim e dado tanta força aos meus estudos.

Quero agradecer também a minha irmã de coração, Samantha Almeida, pois foi ela que de certa forma me influenciou na escolha da minha profissão, que me levou para uma sala de aula e me fez vivenciar como é o trabalho de um pedagogo e com isso vi como é gratificante ver a alegria de uma criança em aprender uma coisa nova. Hoje vejo que fiz a coisa certa e que posso fazer a diferença na profissão que escolhi.

Meu irmão de coração, Júnior, não pode ficar de fora, ele me ajudou a resolver coisas relativa a monografia no momento em que eu me encontrava em desespero ele me ajudou no que pode e por isso sou muito grata.

Minha amiga de vida, Laiza, me acompanhou nessa caminhada desde o ensino fundamental até agora terminando o ensino superior, e mesmo não escolhendo o mesmo curso que o meu, me ajudou muito no curso, pegou as matérias que pode comigo e me deu todo apoio que precisei quando quis desistir, quando achei que não iria dar conta de tudo que me era proposto, por isso ela foi muito importante para que eu chegasse até aqui.

Obrigada amiga.

Thayane Silva é outra amiga de anos que apesar de não estar na UnB junto comigo, nunca deixou de me apoiar, de acreditar que eu iria conseguir chegar até o fim. Amiga to quase lá, falta muito pouco!

Vamos agora para as pessoas da FE que me ajudaram muito nessa caminhada e que se Deus quiser vão fazer parte do resto da minha vida!

Quero agradecer a mulher que despertou meu interesse para um tema que eu nunca havia pensado, a mulher que fez com que eu além de estudante fosse pesquisadora, que me acolheu em seu projeto e que me orientou nas pesquisas.

Obrigada professora Kátia.

Gabriela, amizade conquistada no primeiro semestre de faculdade. Amiga você foi a minha força dentro da universidade, juntas enfrentamos muitos desafios na FE, foi graças a você que eu aceitei fazer parte do ProIC, que nos rendeu uma viagem que foi uma verdadeira aventura e um banquete de experiência. Obrigada por ter ficado junto comigo nessa aventura que é o ensino superior.

Gostaria de agradecer a outros amigos que estiveram presente nessa história e nesse trabalho. Flávio, Gisele, Nadiele, Amanda e Guilherme. Agradeço por fazerem parte dessa vitória.

Devo agradecer também aos professores e professoras da FE que me ajudaram, são eles: Shirleide, Cleiton, Paula, Erasmo, Tereza Cristina e CatiaPicollo, obrigada por terem aguçado meu lado de pesquisadora e escritora.

Se não fosse por todas essas pessoas talvez eu não estivesse agora onde estou, finalizando o curso que escolhi. Obrigado a todos vocês por fazerem parte dessa trajetória.

Epígrafe

*Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário
que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro
passo.*

Martin Luther King

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a perspectiva que a comunidade educativa tem a respeito da figura masculina do professor na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em periódicos QUALIS A e B da Educação, que abordem a temática de gênero ligada às políticas de formação e valorização docente no período de 2000 a 2013 e a aplicação de questionários. Para encontrar os estudos relacionados à questão de gênero no trabalho docente foi pesquisado o site de cada uma das revistas selecionadas. Utilizamos o critério de busca na seguinte ordem: título, palavras-chave e resumo, utilizando as seguintes expressões: trabalho docente masculino; docência gênero masculino; preconceito. Após a busca foram encontrados alguns artigos que foram analisados e categorizados. Com a pesquisa percebeu-se que os homens que escolhem seguir a profissão docente sofrem diversos tipos de discriminações e representações devido ao fato da profissão ser considerada socialmente feminina.

Palavras Chave: trabalho docente; gênero; professor da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental

ABSTRACT

This research aimed to understand the perspective that the educational community about the male figure teacher in kindergarten and in the initial series of basic education. The methodology used in this bibliographic research in journals QUALIS A and B of Education, to address the gender issues related to training policies and teacher appreciation from 2000 to 2013 and the application of questionnaires. To find the studies related to gender in teaching consisted of the site of each of the selected journals. We used the search criteria in the following order: title, keywords and abstract, using the following expressions: male teaching; teaching males; prejudice. After the search we found some articles that were analyzed and categorized. Through research it was noted that men who choose to follow the teaching profession suffer various types of discrimination and representations due to the fact that the profession is considered socially female.

Keywords: teaching; gender; professor of early childhood education and early grades of elementary school

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	12
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I– PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	17
CAPÍTULO II – Estado da arte: o que as pesquisas indicam na Qualis A	31
II.I Conceituando gênero	31
II.II A inserção do professor na educação	31
II.III A feminização do magistério	32
II.IV Educação infantil: espaço feminino	33
II.V Docência masculina.....	34
II.VI O que as pesquisas retratam sobre a docência masculina	35
II.VII Síntese das principais categorias encontradas	37
CAPÍTULO III – Achados das pesquisas nas Qualis B	41
III.I Feminização x feminilização	41
III.II Masculinidade	43
III.III Relações de gênero	46
III. IV Escolha profissional.....	48
III. V O que as pesquisas retratam sobre a docência masculina	49
Capítulo IV – A realidade da docência masculina no DF	52
a) Escolha profissional	52
b) Exercício Profissional	55
c) Perfil da profissão: Quem é melhor para a profissão?	56
d) Discriminação	57
V IDEIAS CONCLUSIVAS	61
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE A	64

MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Suzana Medeiros Diniz Araujo. Comecei a estudar aos quatro (04) anos de idade no ano de 1999 numa turma que antigamente se chamava pré dois na escola de educação infantil Mickey e Minnie localizada no Gama-DF, essa escola era particular e seu ensino era excelente, até aula de inglês eu tinha, aprendi muito no meu primeiro ano de escola e teria me desenvolvido muito mais rápido se tivesse continuado lá, mas infelizmente tive que mudar de escola no ano seguinte.

No ano de 2000 passei para o pré três na escola pública Classe 01 do Gama, estudei nessa escola por dois anos, no tempo que fiquei nessa escola eu tive uma queda na aprendizagem, pois na escola anterior exigiam muito mais de mim o que acabou me deixando desestimulada, fazendo com que o meu rendimento não fosse tão satisfatório.

Em 2002 minha família se mudou para a cidade de Valparaíso de Goiás e por conta disso tive que mudar de escola para cursar a segunda serie do ensino fundamental, fui matriculada na escola municipal Antonio Bueno de Azevedo que ficava próxima à minha casa. Tive um pouco de dificuldade para me adaptar a nova escola, mas com o tempo fui me acostumando. Fiquei nessa escola até finalizar a quarta serie.

Uma coisa que me deixou intrigada quando relembrei meu percurso na escola e que em momento algum na educação infantil e nem nas series iniciais do ensino fundamental tive um professor que fosse homem, até esse momento eram todas mulheres isso me fez pensar quais eram as causas desse fato acontecer, só comecei a ter professor do sexo masculino a partir da quinta serie do ensino fundamental e acredito que foi bom ter contato tanto com mulheres quanto com homens quando se encontram na posição de professor.

No ano de 2005 fui para a cidade de Marabá no Pará e foi nessa cidade na escola José Cursino de Azevedo que cursei a quinta serie do ensino fundamental foi nesse período que tive o primeiro contato com professores do sexo masculino, mas as mulheres predominavam a maioria das matérias.

Em 2006 voltei para o Valparaíso de Goiás e fui novamente matriculada na escola municipal Antonio Bueno de Azevedo, e foi nessa escola que fiz a sexta serie. No ano seguinte nessa mesma escola fiz o oitavo ano, pois no ano de 2007 aumentou uma serie no ensino fundamental e de serie passou a ser chamado de ano sendo no ensino fundamental do primeiro ao nono ano e ensino médio da primeira a terceira serie.

Por fim, o ensino fundamental finalizei em 2008 o nono ano, ao contrário do que aconteceu nas series iniciais do ensino fundamental, nas series finais não tive problemas de aprendizagem tive facilidade com os conteúdos e fui para o ensino médio sem problema nenhum em relação a aprendizagem.

Quando fui para o ensino médio decidi estudar no Gama, me disseram que o ensino de lá era melhor, além do acesso as provas da UnB (Universidade de Brasília) serem mais facilitados para quem estuda no Distrito Federal. Com isso fiz minha matricula no CEM 01 (centro de ensino médio 01 do Gama) que é colocado como melhor escola de ensino médio do Gama, pois é a escola pública do Gama que mais aprova para UnB.

Por conta da minha decisão de estudar no CEM 01, tive que me mudar para o Gama para facilitar meu acesso à escola, isso aconteceu em 2009 quando fui cursar a primeira serie do ensino médio.

Fiquei muito apreensiva quando iniciei essa nova fase, pois me disseram que era muito difícil passar de serie nessa escola e eu realmente acreditei nisso no começo. Fui colocada na pior turma da escola, onde tinham alunos repetentes e mais velhos que eu. Apesar de tirar as melhores notas da turma minhas notas eram baixas passavam pouca coisa da media, alguns professores perceberam que eu estava desestimulada naquela turma e junto com a coordenação conseguiram me mudar de turma, eu fui do primeiro F para o primeiro A, isso fez com que minhas notas melhorassem muito passando de cinco para oito.

Nesse mesmo ano fiz a primeira etapa do PAS (Programa de avaliação seriada) do subprograma de 2009. Eu queria muito passar para a UnB, mas não sabia ainda para que curso, estudei muito para essa prova fiz até pré-PAS, mas algumas pessoas me colocaram tanto medo dizendo que uma questão errada anulava uma certa que na hora da prova eu travei e acabei respondendo poucas questões e como consequência disso tirei apenas a média na pontuação, me fazendo perder a esperança de passar na UnB.

Em 2010 cursei a segunda serie do ensino médio, esse ano foi bem tranquilo, minhas notas se manterem, meu relacionamento com os professores melhorou e uma coisa interessante que reparei foi que o número de professores do sexo masculino aumentou, além dos professores das exatas que eram todos homens, os professores de português, geografia e espanhol também eram homens, isso dava equilíbrio na balança de gênero em relação aos professores.

Em relação a minha vida, percebo que a desigualdade predomina a educação infantil e as series iniciais do ensino fundamental, onde quem atua é o pedagogo, pois foi nessas etapas em que eu não tive contato nenhum com professores do sexo masculino.

Foi na segunda serie do ensino médio que decidi qual curso eu queria fazer e escolhi pedagogia, fiz essa escolha por influência da minha prima que é pedagoga e que de vez em quando me levava para ajudá-la na sala de aula e foi com essas visitas à escola que decidi fazer pedagogia.

Quando decidi o curso que eu queria fazer fiquei muito mais entusiasmada e estimulada a passar para a UnB, tanto que quando chegou a segunda etapa da prova do PAS eu me esforcei e respondi muitas questões e quando veio a nota eu quase não acreditei, tirei doze pontos acima da média e isso em relação ao curso que eu queria era muito bom e foi nesse momento que tive certeza que eu iria conseguir passar na UnB.

Em 2011 cursei a terceira serie do ensino médio, nesse ano minhas notas baixaram muito, pois eu resolvi me dedicar somente a prova do PAS e do vestibular que eu ia fazer no fim do ano, por conta disso os professores brigaram um pouco comigo, dizendo que eu tinha que tirar boa nota para passar de ano. No fim do ano deu tudo certo, conclui o ensino médio e passei na UnB pelo PAS para o curso de pedagogia, fiquei muito feliz estava tudo dando certo, mas eu não sabia o que me aguardava na Universidade.

Ingressei no curso de pedagogia na UnB no primeiro semestre de 2012, inicialmente peguei cinco matérias e todas com professores muito rigorosos, acabei me sentindo incapaz de conseguir passar nas matérias e quase desisti no primeiro semestre de curso, felizmente não desisti.

Os outros semestres foram mais tranquilos apesar da quantidade de matérias ter aumentado. Quando cheguei à fase de escolher que área seguir, fiquei em dúvida e acabei optando no projeto 3 pela área de infraestrutura escolar, mas acabei me decepcionando, pois não tinha muita referência na área. Depois disso fui para a alfabetização e foi nessa área que fiz o projeto 3 e projeto 4, mas infelizmente nada nessa área me intrigou ou despertou interesse.

Foi no PIBIC (projeto de iniciação científica) que encontrei um assunto que me interessasse a respeito da docência masculina. Descobri esse assunto no quarto semestre e desde então foquei as pesquisas nesse assunto para a partir dele desenvolver minha

monografia. Confesso que no começo tive um pouco de receio com o tema, pois não o conhecia, mas depois das primeiras leituras fiquei encantada com o assunto tanto que tive muita facilidade de escrever a respeito, por mais que eu não seja homem e não sinta na pele o que eles sentem por escolher ser pedagogo com as pesquisas passei a entender melhor a atividade do ponto de vista deles.

A universidade com certeza me ensinou muita coisa, principalmente a ter um pensamento mais crítico e reflexivo em relação a assuntos do dia a dia, minha monografia especificamente me mostrou que não devemos julgar uma pessoa pela profissão que ela escolheu, mesmo que socialmente essa profissão pareça não ser adequada ao seu gênero.

INTRODUÇÃO

Desde a metade do século XX, os movimentos feministas e LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis) vêm lutando contra vários tipos de preconceitos e fazendo a sociedade como um todo repensar seus conceitos. Cada vez mais o “socialmente aceito” é questionado por novas condutas e comportamentos. Como afirma Louro:

Os novos conceitos propostos e postos em prática por esses movimentos, bem como as possibilidades abertas por novas tecnologias, revolucionaram a discussão de gênero no âmbito social. (LOURO, 2000, pg. 8)

As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de "realidade"; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer.

Atualmente é muito questionada as relações de gênero na sociedade contemporânea. Esta temática perpassa também a profissão do pedagogo, especificamente quando este profissional, exerce a docência polivalente na educação infantil e anos iniciais. Parece haver um preconceito de gênero em tais relações, pois tem-se no senso comum que as crianças devem ficar sob o cuidado de uma profissional do sexo feminino. Os danos causados por decorrência do gênero podem ser grandes tanto para os profissionais, quanto para as crianças e para a família delas.

Quando falamos em pedagogia, o gênero feminino é a primeira coisa que vem a nossa mente, pois essa profissão ao longo da história sempre foi predominantemente feminina. As pessoas quando chegam à sala de aula para deixar seu filho, estranham se invés de uma mulher tiver um homem, muitas vezes não entendem que ser pedagogo é uma profissão como outra qualquer em que homens e mulheres podem trabalhar sem restrição e acabam por discriminar o profissional.

Esse tipo de discussão chega ao ambiente escolar causando confusão, pois sem querer o meio em que a criança está inserida influencia no modo dela pensar sobre o que é certo e o que é errado, até porque os próprios professores, sem intenção, acabam expressando sua opinião a respeito desse assunto em sala de aula. Isso faz com que as crianças criem preconceito e levem isso para sua vida.

Considerando que a sociedade vive em uma contradição misturando o discurso de liberdade como preconceito se tratando de gênero, torna-se necessário estudar a questão de gênero do docente nos anos iniciais. Nesse sentido, este estudo busca compreender como é abordada a questão de gênero na profissão docente dos anos iniciais, construindo um estado da arte sobre a temática em periódicos na última década.

O objetivo desse trabalho é através dos artigos encontrados nas Qualis A1, A2 e B1, B2, B3, B4, B5, compreender a perspectiva que a comunidade educativa tem a respeito do docente masculino.

No capítulo I será exposto o procedimento metodológico utilizado para que fosse feita a monografia, nele está colocado detalhado a pesquisa “estado da arte”, os quadros que detalham a pesquisa nas Qualis e o procedimento da aplicação dos questionários.

No capítulo II será feita a análise dos artigos encontrados sobre a docência masculina na Qualis A1 e A2. Nele será analisada a história da profissão docente para que se possa averiguar em que momento e o porquê aconteceu a feminização do magistério e quais são as consequências que os homens sofrem por escolher essa profissão.

No capítulo III será feita a análise dos artigos encontrados sobre a temática na Qualis B1, B2, B3, B4 e B5. Nele serão debatidos algumas categorias, como: feminização x feminilização, masculinidade, relações de gênero e escolha profissional.

O capítulo IV trará o resultado da análise feita a partir dos questionários aplicados à professores que lecionam na Educação infantil ou Series iniciais do ensino fundamental de escolas públicas do Distrito Federal. Essa análise será feita a partir das categorias: escolha profissional; exercício profissional; perfil da profissão; e discriminação.

CAPÍTULO I– PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A proposta de fazer pesquisa sobre a docência masculina surgiu em 2013 no ProIC (Programa de Iniciação Científica). Para a realização desse estudo utilizou-se a pesquisa bibliográfica. A abordagem feita foi a de cunho quantitativo (levantamento e tabulação de dados), análise contextual e uma avaliação qualitativa. A pesquisa qualitativa ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, trabalha com descrição, comparações e interpretações. Assim esse tipo de pesquisa permite analisar um nível de realidade que não pode ser quantificado.

A pesquisa feita para a realização dessa monografia se enquadra na metodologia “estado da arte”, onde se faz uma pesquisa bibliográfica em busca de trabalhos que falem sobre determinado assunto. As pesquisas baseadas em tal metodologia, como coloca Ferreira:

[...] parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p.257).

Alguns procedimentos são necessários para a realização desse tipo de metodologia. Romanowski (2002) destaca quais são os procedimentos necessários, como: “definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas; localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica que possam proporcionar acesso a coleções de periódicos”.

Nessa pesquisa foi feito um levantamento do que foi produzido a partir da temática de gênero ligado às políticas de formação e valorização docente. Esse levantamento foi feito com base nas leis e periódicos Qualis A, para o capítulo I, e Qualis B, para o capítulo II, (QUALIS é a classificação feita pela CAPES para a divulgação da produção intelectual dos programas de pós-graduação) da educação do período de 2000 a 2013, esse recorte de tempo foi escolhido devido ao fato das pesquisas relativas a docência masculina serem relativamente recentes.

Segundo Lins e Pessôa (2010), os periódicos são avaliados por áreas em um processo anual (sic) de atualização e enquadrados em estratos indicativos de qualidade (sic) – A1, o de maior importância; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C – de menor importância.

O quadro a seguir mostra a quantidade de revistas selecionadas na Qualis A1 e A2. Foram selecionadas 21 revistas, todas da área da educação e nacionais.

Qualis A

Quadro 1 – Quantidade de periódicos educacionais em versão impressa da Qualis A1 e A2 da CAPES

QUALIS	PERIÓDICOS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO
A1	11
A2	10
TOTAL	21

Fonte: Elaboração do autor.

O quadro a seguir mostra todas as revistas selecionadas na qualis A1. Este quadro detalha a quantidade exata de artigos publicados pelas revistas do período de 2000 a 2013, além de mostrar onde foram encontrados artigos que tratassem da temática.

Quadro 2 - Artigos do periódico A1 no período de 2000-2013

Revista		00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13
Cadernos de pesquisa	P	30	30	30	29	29	31	28	28	35	41	44	40	39	46
	T	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Educação em revista	P	-	-	-	-	-	-	15	32	25	47	50	45	61	40
	T							0	1	1	0	0	0	0	0
Educação e pesquisa	P	18	18	18	22	32	31	33	36	28	34	45	45	56	54
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Educação e realidade	P	-	15	24	15	26	29	20	12	28	38	46	45	47	63
	T		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Educação e sociedade	P	46	52	66	63	52	63	54	61	50	50	59	55	57	58
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pró-posições	P	28	22	35	35	40	37	40	40	41	39	38	37	35	40
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista brasileira de educação	P	16	29	30	33	37	34	37	33	34	31	35	31	30	46
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista linhas críticas	P	18	20	18	17	18	15	16	18	17	18	20	33	32	33
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ciência e educação	P	14	17	20	20	40	36	24	28	39	39	45	60	60	60
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Educar em revista	P	-	-	-	-	-	-	30	29	28	44	72	75	62	62
	T							0	0	0	0	0	0	0	0
Paidéia	P	15	19	38	17	33	41	36	31	39	39	36	40	35	37

	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Legenda: (-) Não há publicações ou não foi possível acesso.																
(P) Produção / (T) Temática.																
Fonte: Elaboração do autor.																

O próximo quadro detalha as revistas pesquisadas e os artigos encontrados de 2000 a 2013 na Qualis A2. A maior parte das publicações se concentram a partir do ano de 2007. Há uma diminuição no número de publicações em relação a Qualis A1.

Quadro 3- Artigos do periódico A2 no período de 2000-2013

Revista		00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	
Cadernos CEDES	P	21	18	16	23	18	21	18	16	17	22	21	18	20	18	
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Cadernos de educação	P	-	-	-	-	-	16	23	21	24	24	23	46	48	46	
	T						0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Cadernos Pagu	P		11	18	14	19	21	22	26	29	23	30	27	26	29	
	T		1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Educação e filosofia	P	12	25	17	16	26	20	17	18	16	21	19	23	26	28	
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Educação	P	20	19	23	20	21	25	28	28	32	37	34	33	38	43	
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Práxis educativa	P	-	-	-	-	-	-	21	18	18	18	20	23	38	23	
	T							0	0	0	0	0	0	0	0	
Revista de educação pública	P	-	-	-	-	-	-	-	11	32	28	29	26	32	45	
	T								0	0	0	0	0	0	0	
Dialogo educacional	P	20	22	26	23	36	40	38	45	47	39	35	46	48	66	
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Educação em questão	P	7	8	7	-	25	28	28	28	30	28	29	20	27	26	
	T	0	0	0		0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	
Educação (PUC - RS)	P	-	-	-	-	29	28	31	50	28	43	22	41	40	39	
	T					0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Legenda: (-) Não há publicações ou não foi possível acesso.																
(P) Produção / (T) Temática.																

Para selecionar os estudos que tratassem da temática foi analisado o título, o resumo e as palavras-chave. As palavras que ajudaram nessa seleção foram: gênero, docência masculina e preconceito, essas palavras são as mais utilizadas nos artigos para tratar do assunto.

O quadro abaixo mostra em quais revistas foram encontrados artigos que tratavam do tema e a quantidade encontrada.

Quadro 4 - Quantitativo de artigos sobre docencia masculina nas revistas por periódico**Qualis**

PERIÓDICOS A1	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	TOTAL
Cadernos de pesquisa	-	-	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02
Educação em revista	-	-	-	-	-	-	-	01	01	-	-	-	-	-	02
Educação e pesquisa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
Paidéia	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	01
TOTAL	-	-	-	-	02	-	-	01	02	-	-	-	-	01	06
PERIÓDICOS A2	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	TOTAL
Cadernos pagu	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02
Educação em questão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
TOTAL	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	03
TOTAL GERAL	-	01	01	-	02	-	-	01	02	-	-	01	-	01	09
Legenda: (-) Não há publicações.															
Fonte: Elaboração do autor.															

A tabela a seguir mostra o total de artigos pesquisados na Qualis A1 e A2 em comparação com a quantidade de artigos encontrados sobre a temática e a porcentagem em cima dessa comparação.

Tabela 1- Quantidade de artigos publicados nas revistas no total e na temática

PERIÓDICOS/QUALIS	ARTIGOS PUBLICADOS ENTRE 2000 E 2013	ARTIGOS SOBRE A DOCÊNCIA MASCULINA	PORCENTAGEM
A1	5.075	06	0,118%
A2	3.073	03	0,097%
TOTAL	8.148	09	0,110%

Fonte: Elaboração do autor.

De acordo com o que a tabela mostra, são poucas as pesquisas feitas sobre docência masculina considerando a quantidade de artigos que foram publicados do período de 2000 a 2013.

Os quadros que seguem vão mostrar a pesquisa feita na qualis B1, B2, B3, B4 e B5 para a construção do capítulo III. O próximo quadro mostra a quantidade de revistas nas Qualis B pesquisadas que são nacionais e da área da educação.

Qualis B

Quadro 5 – Quantidade de periódicos educacionais em versão impressa da Qualis B1, B2, B3, B4 e B5 da CAPES

QUALIS	PERIÓDICOS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO
B1	10
B2	12
B3	16
B4	11
B5	10
TOTAL	59

Fonte: Elaboração do autor.

Em comparação com a Qualis A, na Qualis B a quantidade de revistas pesquisadas foi bem superior, mas isso não significa necessariamente que a quantidade de artigos publicados e encontrados sobre a temática seja superior também. Como será mostrado no decorrer desse capítulo.

O quadro 6 detalha as revistas pesquisadas na Qualis B1 e mostra onde foi encontrado artigo sobre a temática. A maior quantidade de publicações se concentra após o ano de 2007. Já na qualis B1 percebe-se que a quantidade de artigos publicados é inferior a quantidade publicada nas Qualis A. Nessa Qualis foram encontrados 3 (três) artigos que tratassem da temática.

Quadro 6 - Artigos do periódico B1 no período de 2000-2013

Revista	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13
Educação	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	16	20	32

e Cultura contemporânea	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0
Educação em Foco (UEMG)	P	-	-	-	-	-	-	-	-	9	16	12	14	19	14
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0
Educação em Foco (UFJF)	P	-	-	20	23	10	14	21	28	27	18	16	17	17	18
	T	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Educação (UFSM)	P	20	19	23	20	21	25	28	28	32	37	34	33	38	43
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Educação Unisinos	P	-	-	-	-	12	21	27	21	24	25	27	25	28	28
	T	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Em Aberto	P	32	27	13	11	-	-	-	14	8	22	15	17	17	28
	T	0	0	0	0	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0
Leitura: Teoria e Prática	P	16	3	11	15	18	15	15	14	17	19	19	16	17	-
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	P	25	9	6	6	8	16	26	30	29	34	31	36	41	37
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Sociedade e Estado (UnB)	P	-	-	13	15	19	24	24	15	18	24	21	26	-	-
	T	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	-
Teias (RJ)	P	17	17	14	9	8	9	10	12	13	22	37	50	54	56
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Legenda: (-) Não há publicações ou não foi possível acesso. (P) Produção / (T) Temática.															
Fonte: Elaboração do autor.															

O quadro abaixo mostra as revistas pesquisadas na Qualis B2. A produção de artigos nessa Qualis é bem inferior a anterior, onde as produções se concentram mais a partir de 2008. Nessa Qualis não foi encontrado nenhum artigo que tratasse da temática.

Quadro 7- Artigos do periódico B2 no período de 2000-2013

Revista		00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13
Educação em Perspectiva (impresso)	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17	15	19	21
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0
Educação e Language m	P	-	-	-	-	-	-	-	19	24	28	26	12	22	25
	T	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0

Educativa (UCG)	P	-	-	-	-	-	-	11	10	12	15	16	18	13	14
	T	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0
Emancipação (UEPG - impresso)	P	-	6	9	9	13	11	15	26	18	19	19	20	20	20
	T	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Espaço e Cultura (UERJ)	P	-	-	4	12	12	9	-	15	12	15	15	13	14	18
	T	-	-	0	0	0	0	-	0	0	0	0	0	0	0
Linguagem, Educação e Sociedade (UFPI)	P	-	-	-	9	16	18	18	15	23	18	17	18	17	21
	T	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pesquisa em Foco (UEMA)	P	-	-	-	-	-	-	-	-	7	14	6	7	-	-
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	-	-
Reflexão e Ação (UNISC)	P	-	-	-	-	-	-	-	16	13	27	23	26	29	50
	T	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0
Retratos da Escola	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32	24	24	29	36
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	P	27	9	6	6	8	16	20	26	25	30	32	29	35	31
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista Eletrônica de Educação (São Carlos)	P	-	-	-	-	-	-	-	5	9	19	15	18	34	53
	T	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0
Trabalho e Educação (UFMG)	P	16	16	15	16	15	14	13	12	24	27	27	26	37	33
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Legenda: (-) Não há publicações ou não foi possível acesso. (P) Produção / (T) Temática.															
Fonte: Elaboração do autor.															

O quadro a seguir mostra as revistas pesquisadas na Qualis B3. Nessa Qualis o número de publicações e de artigos é pouco considerando que a maior concentração de publicações é a partir de 2010. Mesmo com a pouca quantidade de publicações nessa Qualis foi encontrado 1 (um) artigo que tratasse da temática.

Quadro 8- Artigos do periódico B3 no período de 2000-2013

Revista	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13
Cadernos de Pedagogia	P	-	-	-	-	-	-	13	22	17	14	21	20	20
	T	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0
Conhecimen	P	-	-	-	-	-	-	-	-	16	15	17	16	21

to & Diversidade	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0
Contexto & Educação	P	-	8	25	13	8	9	21	20	19	19	17	20	20	18
	T	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dialogia (UNINOVE)	P	-	10	9	11	8	9	12	13	17	20	20	25	22	21
	T	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ensino Em Re-Vista	P	9	11	13	7	10	7	10	14	27	27	28	31		
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Formação Docente	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	14	15	17	-
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	-
Meta: Avaliação	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	14	16	16	17
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0
Olhar de Professor (UEPG)	P	1 4	14	14	12	24	24	24	24	24	20	13	24	23	12
	T	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Plures. Humanidades (Ribeirão Preto)	P	1 0	10	11	10	12	11	10	10	11	12	10	11	11	12
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Poiésis Pedagógica	P	-	-	-	8	10	-	10	-	8	10	23	20	17	17
	T	-	-	-	0	0	-	0	-	0	0	0	0	0	0
Poiésis - (UNISUL)	P	-	-	-	-	-	-	-	-	14	14	12	23	31	13
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0
Práxis Educacional (UESB)	P	-	-	-	-	-	11	14	15	17	14	19	15	25	20
	T	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista de Ciências da Educação	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16	25	26	40
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0
Revista FAED – UNEMAT	P	-	-	-	9	12	22	12	9	17	17	15	18	18	17
	T	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Temas em Educação (UFPB)	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-	6	14
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	0	0
UNOPAR Científica - Ciências Humanas e Educação	P	1 9	7	10	8	10	11	10	12	18	18	18	22	21	23
	T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Legenda:(-) Não há publicações ou não foi possível acesso.

(P) Produção / (T) Temática.

Fonte: Elaboração do autor.

No próximo quadro mostra as revistas pesquisadas na Qualis B4. E mais uma vez o quadro mostra que o numero de publicações e artigos é pouco e conforme vai diminuindo a classificação da Qualis menos publicações e menos artigos as revistas têm, isso de certa forma

dificulta pra encontrar artigos que tratem da temática. Nessa Qualis nenhum artigo sobre a temática foi encontrado.

Quadro 9- Artigos do periódico B4 no período de 2000-2013

Revista		00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13
Cadernos de pesquisa em educação PPGE-UFES	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17	16	25	18	16
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0
Cadernos de Pesquisa (UFMA)	P	1 4	1 1	14	15	8	-	-	-	-	-	-	20	-	-
	T	0	0	0	0	0	-	-	-	-	-	-	0	-	-
Educação Brasileira	P	-	-	-	-	-	5	7	7	8	6	7	8	8	8
	T	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Educação em Destaque	P	-	-	-	-	-	-	-	-	16	12	7	-	-	-
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	-	-	-
Interfaces da Educação	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	27	29	31	26
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0
Revista de Educação Popular	P	-	-	9	6	6	13	6	9	8	12	8	10	22	17
	T	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista Didática Sistemática	P	-	-	-	-	-	10	22	21	32	22	24	14	21	21
	T	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista Educação e Cidadania	P	-	1 2	10	-	9	13	14	11	11	16	14	17	8	-
	T	-	0	0	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-
Revista Espaço Pedagógico	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	20	22	24	24
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0
Revista Lugares de Educação	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20	15	41
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0
Revista Profissão Docente	P	-	1 2	12	9	3	8	7	9	6	14	16	15	11	21
	T	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Legenda:(-) Não há publicações ou não foi possível acesso.
(P) Produção / (T) Temática.

Fonte: Elaboração do autor.

No quadro abaixo está as revistas que foram pesquisadas na Qualis B5, onde o numero de publicações e artigos é bem escasso, a maior parte das publicações e dos artigos se

concentra a partir de 2010. Apesar do baixo número de publicações e artigos, foi encontrado 1 (um) artigo que tratava temática.

Quadro 10- Artigos do periódico B5 no período de 2000-2013

Revista		00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13
Cadernos da Escola de Educação da Unibrasil	P	-	-	-	-	15	16	-	-	-	-	-	-	-	-
	T	-	-	-	-	0	0	-	-	-	-	-	-	-	-
Cadernos de Educação	P	-	-	-	-	9	27	34	36	41	51	35	10	43	32
	T	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Debates em Educação	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	13	13	14	15
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	1
Educação Matemática em Foco	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	7
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0
Eventos Pedagógicos	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	64	112	44
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0
Ideação (Unioeste, Impresso)	P	-	-	-	4	7	7	15	9	14	11	20	13	15	19
	T	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
REI - Revista de Educação do IDEAU	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32	20	27	21
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0
Revista da Faculdade de Educação (UNEMAT)	P	-	-	-	7	13	20	12	9	16	17	14	18	18	17
	T	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Revista de Educação, Ciência e Cultura	P	-	-	-	-	-	-	-	16	18	10	16	21	25	23
	T	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0
Revista de Educação, Gestão e Sociedade	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	29	26	24
	T	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0	0
Legenda: (-) Não há publicações ou não foi possível acesso.															
(P) Produção / (T) Temática.															
Fonte: Elaboração do autor.															

O próximo quadro mostra em quais revistas e em que ano foram encontrados artigos sobre a temática na Qualis B1, B3 e B5. As Qualis B2 e B4 não estão incluídas nesse quadro porque não foi encontrado nenhum artigo sobre a temática nessas Qualis.

Quadro 11- Quantitativo de artigos sobre docência masculina nas revistas por periódico qualis

PERIÓDICOS B1	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	TOTAL
Educação (UFSM)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
Educação Unisinos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	02	03
PERIÓDICOS B3	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	TOTAL
Olhar de Professor (UEPG)	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
TOTAL	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
PERIÓDICOS B5	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	TOTAL
Debates em Educação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
TOTAL GERAL	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01	-	-	-	03	05
Legenda: (-) Não há publicações.															
Fonte: Elaboração do autor.															

A maior parte dos artigos encontrados são do ano de 2013, o que mostra que o interesse pelo tema é recente entre os pesquisadores.

A tabela a seguir compara o numero de artigos pesquisados e o numero de artigos encontrados referentes a temática e a porcentagem em cima dessa comparação.

Tabela 2- Quantidade de artigos publicados nas revistas no total e na temática

PERIÓDICOS/QUALIS	ARTIGOS PUBLICADOS ENTRE 2000 E 2013	ARTIGOS SOBRE A DOCÊNCIA MASCULINA	PORCENTAGEM
B1	2.096	03	0,143%
B2	1.794	00	0%
B3	2.098	01	0,047%
B4	1.063	00	0%
B5	963	01	0,103%
TOTAL	8.014	05	0,062%

Fonte: Elaboração do autor.

Poucos artigos referentes a temática foram encontrados, pois entre mais de 8.000 (oito mil) artigos se encontrar somente 05 (cinco) que tratem do assunto, mas como o quadro anterior mostra que a maior parte dos artigos encontrados são de 2013, quer dizer que as pesquisas sobre o assunto ainda estão sendo desenvolvidas, pois esse é um novo assunto a ser tratado na área da educação.

Após a seleção, foi feita a análise de todo material encontrado através de uma leitura periférica, para identificar as que mais se aproximavam do tema e dos objetivos da pesquisa. Como a discussão a respeito de gênero na docência no Brasil é recente, houve certa dificuldade para encontrar bibliografias que tratassem da temática, mas, todavia o estudo foi desenvolvido sem maiores obstáculos.

O quadro a seguir mostra as categorias, subcategorias e descritores selecionados de acordo com os artigos encontrados nas Qualis B.

Quadro 12- Categorias, subcategorias e descritores selecionados

Categorias	Subcategorias	Descritor
Feminização e Feminilização	História da profissão docente	a) ocupação das mulheres na profissão. b) a forma que a profissão adquire características femininas.

Masculinidade	Fazer pedagógico do docente masculino.	A diferença existente entre o trabalho do homem e da mulher na docência.
	Construção social	Desnaturalizar as diferenças entre os gêneros.
Poder	Corpo	Atitude corporal.
Escolha profissional	Afinidade	O que leva o homem a escolher a docência.

As categorias apresentadas nesse quadro serão retomadas no decorrer da monografia, para que cada uma delas possa ser aprofundada e seu entendimento possa ser mais completo.

Para que fosse feita uma análise mais completa da docência masculina, optou-se pela aplicação de questionários, segundo Gil:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (1994, p. 121)

Algumas das vantagens do questionário é a possibilidade de se abranger um grande número de respondentes em pouco tempo, implica em menos gastos, garante o anonimato e não influencia os pesquisados em suas respostas (GIL, 1994). Um questionário pode ser composto de perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha.

O questionário aplicado tinha 30 (trinta) questões, abertas, fechadas e de múltipla escolha a fim de conhecer o perfil e caracterização dos participantes, como também a idade, curso e área de graduação, locais de trabalho, razões e experiências profissionais com anos iniciais, satisfação e influência dos familiares, professores e amigos, significado de docência, vontade de continuar ou mudar de área de atuação, aspirações profissionais, aptidão de gênero para o magistério, relacionamento com as crianças, pais, professoras e comunidade escolar, como também as características, diferenças, vantagens e dificuldades de um professor enquanto homem.

O questionário foi feito para um público muito específico, as características exigidas foram: ser homem, ser professor, atuar na Educação infantil ou nas Series iniciais do ensino fundamental e estar em atuação na rede pública de ensino. Os questionários foram aplicados pessoalmente e por meio de redes sociais em grupos de profissionais da educação.

No total foram aplicados 30 (trinta) questionários, isso deu uma boa base para análise. A análise é feita no capítulo IV e foi dividida em categorias para facilitar o entendimento, são elas: escolha profissional; exercício profissional; perfil da profissão; e discriminação.

CAPÍTULO II – Estado da arte: o que as pesquisas indicam na Qualis A

Neste capítulo pretende-se fornecer um conteúdo histórico da profissão docente com base nas pesquisas nas Qualis A, para que se possa entender como a questão de gênero se tornou tão forte na educação.

II.I Conceituando gênero

A centralidade da discussão na questão de gênero não só no que diz respeito ao “ser homem” e ao “ser mulher”, mas sim, como foi a construção sócio-histórica que fez com que certos papéis fossem destinados as mulheres e não aos homens, como é o caso da docência na educação infantil. Cerisara faz uma crítica a respeito da questão de gênero.

Insistir sobre o caráter social das relações de gênero significa considerar que, além de uma categoria biológica, o gênero também é uma categoria histórica. Ou seja, o fazer-se homem ou mulher não é um dado resolvido no nascimento, pelas características biológicas de cada um, mas construído por meio das práticas sociais masculinizantes ou feminilizantes, de acordo com as diferentes concepções presentes em cada sociedade.” (CERISARA, 2002, p. 30)

A questão de gênero é tratada aqui como uma forma de superação da parte biológica, que coloca em evidencia as diferenças físicas entre homens e mulheres, para que possamos entender o por quê da docência ser considerada socialmente uma profissão feminina.

II.II A inserção do professor na educação

No século XVI o clero era o responsável pela educação dos nobres. Quando houve a necessidade de expandir a educação para as demais camadas sociais outras pessoas, as quais seriam os professores, para ajudar no processo de ensino, para isso eles faziam um juramento junto à igreja com o compromisso de seguir seus ideais. As pessoas escolhidas para serem professores eram geralmente de classe média e eram muito prestigiadas por serem professores.(HYPOLITO,1997)

O fato da Igreja Católica com o passar do tempo perder seu prestígio junto à sociedade, fez com que o Estado fosse assumindo a responsabilidade de cuidar da educação. Assim, ser professor passou a ser profissão sendo classificado como classe trabalhadora, reivindicando salário. E assim como afirma Ferreira:

[...]é inegável que essa etapa inaugura nova representação de docência, um movimento contraditório que articula a necessidade de “profissionalização do ensino” com um processo de “proletarização do professorado”: este, ao

mesmo tempo, reivindica profissionalização e fortalece organizações à semelhança das entidades de trabalhadores manuais, os sindicatos (FERREIRA, 2008, p. 19)

Os professores passaram a ser desvalorizados com o grande número de pessoas que se tornavam professores com baixa qualificação, necessitando apenas do curso normal para lecionar, o salário diminuiu e o curso para se formar professor passou a ser mais visado pela classe média baixa. O sindicato surgiu para defender e reivindicar os direitos dados aos professores pelo Estado.

II.III A feminização do magistério

Com o passar do tempo a escolarização se tornou cada vez mais necessária, as vagas para ser professor aumentaram significativamente. Quantitativamente, os professores passaram a constituir uma categoria social significativa. A feminização do magistério ocorreu juntamente com esse processo de expansão da escolarização e o processo de industrialização.

A feminização do magistério ocorreu de forma generalizada em países de cultura ocidental. No Brasil as informações a respeito do magistério feminino apareceram somente a partir de 1935, nesses dados mais de 80% dos membros do magistério eram mulheres. Em 1940 esse índice já ultrapassava 90%, 1980 era 96,2%, sendo o magistério uma profissão predominantemente feminina. Em relação a isso Vianna aponta que:

De acordo com o primeiro Censo do Professor 14,1% da categoria é constituída de homens e 85,7% de mulheres. Levantamento realizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) com 52 mil professores brasileiros mostra que 97,4% dos docentes de 1a a 4a série do Ensino Fundamental são mulheres. Elas ocupam 80,6% das 5as até as 8as séries desse ensino e 60,8% do Ensino Médio.⁴ A pesquisa da CNTE aponta ainda que entre diretores, coordenadores e supervisores ligados à Educação Básica 90,1% são mulheres (VIANNA, 2001/02, p. 83).

A escolarização das mulheres em Escolas Normais, a ideia de vocação para o magistério e a saída dos homens desse mercado de trabalho foram fatores que facilitaram a feminização do magistério. Além de características femininas destacadas por Hypólito (1997), como: a semelhança das atividades do magistério com as funções de mãe; as habilidades femininas que permitem melhor desempenho na função de cuidar de crianças; a possibilidade de compatibilização de horários entre o magistério e o trabalho doméstico e a aceitação social para as mulheres exercerem essa profissão. Essas características não são restritas ao passado, pois ainda hoje:

O sistema de ensino continua sendo uma ocupação feminina: sejam professoras, funcionárias ou especialistas, as mulheres representam mais de 80% da força de trabalho em educação. O magistério continua sendo um dos principais nichos de inserção das mulheres no mercado de trabalho (ROSEMBERG, 2001 p. 182).

II.IV Educação infantil: espaço feminino

Antigamente as mulheres não podiam exercer atividades profissionais e nem possuir um emprego fora de casa, seu trabalho era exclusivamente doméstico. Como a educação passou a ser dever do Estado e como a Educação Infantil se assemelhava ao trabalho desempenhado pelas mulheres em suas residências, no que diz respeito ao cuidado dos filhos, essa área foi exclusivamente disponibilizada para elas, assim como mostra Carvalho:

As mulheres foram chamadas para ocupar os cargos de educadoras, considerando-se o trabalho na creche e na escola como uma continuação das tarefas exigidas no âmbito doméstico (CARVALHO, 2008, p. 433).

Para as famílias é muito forte essa questão de educação e gênero, pois o trabalho de cuidar das tarefas da escola e do comportamento do aluno e sempre destinada à mãe, e quando vamos para o ambiente escolar o dever de educar e sempre de uma pedagoga, nunca ou raramente se vê um homem nessa função e profissão. A respeito disso Carvalho aponta como é o relacionamento da família (mãe) com a escola (pedagoga):

O envolvimento dos pais na educação escolar é desejável apenas na medida em que estes puderem se envolver com assuntos curriculares. Ocorre que esse envolvimento tem se limitado à obrigação materna, no contexto de uma divisão sexual do trabalho educacional que persiste e é tomada como natural pela própria escola e por seus profissionais do sexo feminino (CARVALHO, 2004, p, 55).

Em uma pesquisa de campo, Cerisara apurou que tanto na família quanto na profissão de pedagoga, se tem o cuidar como tarefa feminina, sendo assim uma profissão claramente vinculada a questão da construção de gênero. Assim mostra o trecho:

Todos os depoimentos confirmam que o cuidado com a criança pequena é considerado uma função feminina dentro da família, e trabalhar com crianças pequenas, mesmo em instituições educativas públicas, acaba sendo ainda hoje visto como uma extensão dessa função. Nesse contexto, as próprias profissionais buscam colocações por um processo de identificação profissional fortemente vinculado à construção de gênero (CERISARA, 2002, p. 44).

Com isso percebe-se que a Educação Infantil sempre foi uma área feminina, pois desde o início dessa modalidade de ensino já se destinou esse trabalho para o público feminino.

II.V Docência masculina

É difícil tratar de uma questão tão delicada para a sociedade. Em sala de aula na Educação infantil e nas Séries iniciais do ensino fundamental é muito difícil de encontrar professores homens, pois para a sociedade a docência é uma profissão exclusivamente feminina, e o medo de rejeição faz com que os homens se afastem dessa profissão ou sofram exercendo a mesma por conta das discriminações, assim como mostra Rabelo:

[...]percebemos em nosso estudo que os professores do sexo masculino atuantes nas séries iniciais do ensino fundamental sentem fortemente as questões de gênero. O que gera maior sofrimento a esses docentes são as experiências de discriminação que vivenciaram ou presenciaram (RABELO, 2013, p. 911).

A discriminação contra professores pode ocorrer por conta de diversas representações que a sociedade tem quando se depara com um homem em uma profissão socialmente feminina. Percebemos muito isso quando se retratam homens em profissão socialmente feminina em filmes, Rabelo faz uma crítica enquanto a isso:

[...]raramente se retratam homens em ocupações consideradas femininas, e quando isso acontece, eles são representados de maneira extremamente estereotipada, por exemplo, associados à homossexualidade, à pedofilia e/ou à falta de jeito, tal como aparece inclusive em filmes (RABELO, 2013, p. 913).

Felizmente há homens que escolhem ser professores independentemente das discriminações e das representações que possam sofrer, eles colocam o que querem em primeiro lugar a profissão que querem exercer e usam todos os pontos positivos a seu favor como motivação, Rabelo enfatiza isso na questão do “gostar” da profissão:

Esse gosto pela profissão acima de todas as outras possíveis motivações e predominante entre os nossos inqueridos e entrevistados. Dessa forma, o gostar é destacado não só como motivador da escolha profissional, mas como necessário ao exercício profissional docente... (RABELO, 2011, p. 13).

Essa questão do gostar influencia diretamente na escolha do homem pela docência, isso quer dizer que se tem um homem em sala de aula, principalmente na modalidade Educação infantil e Series iniciais do ensino fundamental, é porque ele possivelmente gosta do que faz e se sente feliz na profissão que escolheu, assim como coloca Rabelo:

O gosto por crianças e a razão de escolha profissional do homem pela docência que aparece em segundo lugar nos inquéritos. Esse dado nos permite verificar que esta não é uma das últimas motivações do homem para escolher a docência; ao contrário, diferentemente do que divulgam algumas representações que circulam na sociedade, os homens também gostam de crianças e querem lidar com elas no seu exercício profissional (RABELO, 2011, p. 16).

Se a maior parte dos homens que exercem a docência como profissão fazem isso porque gostam, implica diretamente em dizer que os homens professores exercem muito bem a profissão, pois quando se faz o que gosta os bons resultados são inevitáveis ainda mais com tantos fatores que vão contra a tal escolha profissional.

II.VI O que as pesquisas retratam sobre a docência masculina

Foram encontrados 09 artigos que tratam da temática, estes estão sintetizados a seguir.

No artigo “O Gênero nas políticas públicas de educação no Brasil:1988 – 2002” dos autores Vianna e Unbehaum os autores mais citados são: Scott (1995), Valente e Romano (2002). A metodologia utilizada foi por meio da pesquisa bibliográfica realizou-se o exame da Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes Bases de 1996, Plano Nacional de Educação 2001-2011 e PCNs. Esse artigo propõem uma análise desses documentos para verificar o que os mesmos colocam a respeito de gênero na educação. A análise é voltada para a dimensão da incorporação do gênero nas políticas públicas. Como resultado o artigo aponta que as documentos pesquisados representam um significativo avanço em relação a adoção de uma perspectiva de gênero.

O artigo “O sexo e o gênero da docência” de Vianna tem como autores mais citados: Rosemberg (2001), Scott (1994) e Connel (1995). A metodologia utilizada foi pesquisa quantitativa baseada no censo demográfico. Esse artigo faz uma análise histórica da influência do gênero no homem e na mulher. Sua categoria de análise é a construção histórico, social e cultura do gênero. Como resultado foi visto que a tensão colocada sobre o ser mulher e o ser homem afeta a vida pessoal e profissional, essa tensão também aparece nos significados masculinos e femininos relacionados ao magistério.

No artigo “Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990” da autora Rosemberg os autores mais citados são: Baudelot e Establet (1992) e Batista (1998). A metodologia utilizada foi a análise de dados do IBGE através das pesquisas nacionais para amostra de domicílios/PNADs. Esse artigo busca nas políticas públicas indícios de que haja

igualdade de gênero na educação. A categoria de análise é políticas públicas e igualdade de gênero. O resultado apresentado foi que a diferença de custo aluno sustenta, cria e reproduz desigualdades estruturais de gênero e de idade: as crianças menores não merecem melhores condições educacionais porque, próximas da natureza, necessitam apenas de atenção de outros seres próximos à natureza (as mulheres).

No artigo “Modos de educação, gênero e relações escola – família” de Carvalho os autores mais citados, são: Carvalho (2000) e Williams (1983). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Esse artigo pesquisa qual a influência das relações de gênero na participação familiar na escola. A categoria de análise é gênero na família, a família como fator fundamental de desenvolvimento do aluno na escola. O resultado apontado é de que a educação sempre recai sobre o sexo feminino, na escola e sempre professora e em casa a responsabilidade é da mãe. Destaca também a necessidade de maior participação da família na vida escolar dos filhos.

No artigo “A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária” de Rabelo, os autores mais citados: Jesus (2002), Gonçalves (2000), Almeida (1998) e Freire (1997). A metodologia utilizada foi entrevistas narrativas semi estruturadas com seis professores, pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo. Esse artigo averigua os motivos que levaram os homens “professores” a optarem pela docência. A categoria de análise é apreender a motivação da escolha profissional dos professores. O resultado a que se chegou é que o homem pode escolher essa atividade por gosto e ter sucesso, ou seja, que são indivíduos capazes de exercer essa profissão independente dos preconceitos de gênero na educação.

O artigo “Desconforto e invisibilidade: representações sobre relações de gênero entre sindicalistas docentes” de Ferreira, os autores mais citados: Almeida (2007), Louro (2001), Vianna (1996) e Scott (1995). A metodologia utilizada foi entrevistas semi estruturadas e pesquisa bibliográfica. Esse artigo analisa como as relações de gênero afetam os sindicatos docentes. A categoria de análise foi as relações de gênero no trabalho docente. O resultado obtido foi de que professores possuem mais regalias do que as professoras. A participação feminina em sindicatos é dificultada. Esse assunto é polêmico e demanda mais discussão.

No artigo “Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural?” de Carvalho, Cavalcanti, Almeida e Bastos, os autores mais citados, são: Almeida (2005), Carvalho (2007), Silva (2006) e Cavalcanti (2005). A metodologia é baseada em pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Esse artigo reflete as práticas e concepções a respeito do cuidar como papel feminino. A categoria de análise é o cuidar como papel feminino. O

resultado apresentado e que as relações de gênero têm sofrido transformações, mas ainda não alcançou a igualdade de direitos, os homens ainda não são considerados bons para o cuidado, essa tarefa ainda é considerada feminina.

No artigo “Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental” de Rabelo, os autores mais citados, são: Scott (1990), Vianna (2001/2002) e Williams (1995). A metodologia utilizada é a análise qualitativa e quantitativa de questionários e entrevistas. A categoria de análise está voltada para as representações do gênero masculino no ambiente escolar, como: homossexualidade, incapacidade para cuidar de criança, pedofilia, trabalho destinado á mulheres. O que se constatou no artigo foi que o simples fato de existir um professor do sexo masculino nas salas de aula pode provocar varias representações de gênero e preconceitos.

No artigo “Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas” de Louro, os autores mais citados, são: Larrauri (2000), Haraway (1995), Nicholson (2000) e Foucault (1988). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. A categoria de análise foi o gênero e as relações de poder. O resultado apontado no artigo foi que nessas instancias poder e resistência se exercitam, como as dicotomias e oposições são fabricadas.

Os artigos que falam exclusivamente da docência masculina possuem alguns pontos em comum, tais como: os autores mais citados, a metodologia e a crítica de que são necessárias novas pesquisas a respeito do assunto. Os artigos que mais enfatizam a questão de gênero na docência são: “O sexo e o gênero na docência”, “A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária” e “Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental”. Os demais artigos focam mais no papel da mulher na docência, no processo histórico que fez com que a docência fosse considerada socialmente feminina.

II.VII Síntese das principais categorias encontradas

Apresentamos a seguir algumas categorias apreendidas na leitura dos artigos.

- a) Preconceito: essa categoria é muito abordada, o simples fato do homem só dizer que quer ser professor ou pedagogo e seguir carreira docente já é suficiente para que o mesmo sofra algum tipo de preconceito, pois para a sociedade não é correto um homem querer ou exercer uma profissão considerada feminina.

- b) Desvalorização: essa questão é mais voltada para o fato de que o homem é o chefe da família é por conta disso, precisa de uma profissão que pague bem, e ainda hoje a profissão docente não é valorizada, o que faz com que não seja uma profissão adequada para “pai de família”.
- c) Escolha profissional: essa questão aborda o “por que” da preferência de alguns homens pela docência, e o fato de gostar da profissão, gostar de crianças é o ponto principal para que a escolha seja feita.
- d) Homossexualidade: o fato de alguns homens escolherem como profissão algo que socialmente é dito como feminino, como a docência, faz com os mesmos sofram homofobia, pois se tem em mente que se o homem escolheu essa profissão quer dizer que ele compartilha do universo feminino, sendo assim considerado homossexual.
- e) Pedofilia: isso é abordado por conta da preocupação, insegurança e desconfiança por parte dos pais quando deixa seu filho nas mãos de um pedagogo homem, isso ocorre por causa da sexualidade masculina que é mais impulsiva que a feminina, já que a mulher é considerada um ser assexuado (RABELO 2011). Isso faz com que os pais tenham temor de deixar seu filho aos cuidados de um homem.
- f) Políticas públicas: o gênero nas políticas públicas foi pesquisado na intenção de identificar o que é dito a respeito disso com relação à educação.

Em síntese, percebeu-se que estão abordando os pesquisadores da área de educação estão pesquisando o assunto, entretanto ainda há lacunas nos estudos e que ainda não é suficiente para acabar com o preconceito de gênero na educação, apesar de ser apontado como direito humano.

Dentre vinte e uma (21) revistas pesquisadas, foram encontrados somente nove (9), artigos que tratam da questão da docência masculina, do ano 2000 a 2013. Ao pesquisar sobre docência masculina não se encontram muitas referências que tratem do tema e quando se acha muitas vezes trata do tema de uma forma mais superficial, sem aprofundamento da questão, deixando dúvidas e propagando discursos sem fundamentos, assim como afirma Rabelo:

Quando se trata do olhar masculino do professor desse segmento, quase não são encontradas referências ao tema; e mais, os preconceitos e discursos que frequentam a sociedade contemporânea são reafirmados no cotidiano escolar (RABELO, 2013, p. 909).

Segundo Vianna (2001/02), o tema sobre relações de gênero tem poucos estudos até 1980 NO Brasil e ainda hoje se tem pouca reflexão acerca da relação entre homens e mulheres e os significados de masculinidade e feminilidade com case nas relações de gênero. Com isso, percebe-se que para se entender com profundidade as consequências das relações de gênero mal sucedidas no atual contexto da sociedade é preciso se colocar como relevante essa questão, e se tratando em especial da docência Cerisara coloca que:

Considerar relevante a discussão e o aprofundamento a respeito do papel de gênero na constituição dessa profissão significa compreender que o conceito de gênero está presente não só na experiência doméstica, mas em todos os sistemas econômicos, políticos ou de poder. Não pode ser considerada apenas uma variável a ser constatada,mas uma categoria de análise fundamental para a compreensão da identidade dessa profissão[...] (CERISARA, 2002, p. 31).

Na educação essa questão de gênero se torna importante pelo fato de ser uma área onde o preconceito de gênero está evidente, mas não necessariamente por culpa das pessoas, mas pela construção história de gênero que foi feita nessa área, devido a isso:

[...]os estudos de gênero são extremamente necessários na educação, porque podem oferecer perspectivas críticas às professoras mulheres que não têm problematizado essa continuidade (CARVALHO, 2004, p, 56).

Não só as mulheres, mas os homens que fazem parte da educação básica precisam ter uma perspectiva mais crítica da profissão que exercem, para que assim possam ter consciência de que eles possuem tanto direito quanto as mulheres de exercer tal profissão, mesmo que isso seja algo “errado” para a sociedade “socialmente correta”. E para finalizar essa discussão da necessidade de novas pesquisas nessa área Rabelo afirma que:

[...]destacamos que os estudos de gênero são importantes para a análise da presença dos homens em atividades socialmente consideradas femininas, pois o trabalho desses profissionais entra em conflitualidade com as expectativas e pode mostrar exceções aos padrões de gênero ou tentativas de reafirmação de sua *masculinidade*(RABELO, 2013, p. 911)

Com esse capítulo percebe-se que a feminização do magistério foi uma consequência histórica da desvalorização dessa profissão e a associação da profissão com as características maternas só ajudou para que essa área fosse predominantemente feminina.

O homem que vai para a profissão de docente se arrisca a sofrer diversos tipos de representações ligadas à homossexualidade e a pedofilia, e por conta de suas características masculinas eles são vistos como autoridade sendo encaminhados, geralmente, para trabalhar na gestão da escola.

O próximo capítulo irá tratar das principais categorias selecionadas na pesquisa das Qualis B1 a B5. Questões como: feminização e masculinidade serão aprofundadas a luz das pesquisas realizadas nas Qualis B.

CAPÍTULO III – Achados das pesquisas nas Qualis B

Nesse capítulo serão apresentados os resultados das pesquisas realizadas nas Qualis B. As categorias apresentadas nesse capítulo são: feminização x feminilização; masculinidade; relações de gênero e escolha profissional.

III.I Feminização x feminilização

A feminização se constitui como um processo de ocupação das mulheres das mulheres em uma determinada profissão. Aqui estamos tratando especificamente da feminização do magistério, cabe dizer que a feminização não é só o fato de mulheres estarem presentes no setor, mas sim por elas serem maioria nele, e isso ocorreu com o magistério. A feminização do magistério se deu por vários fatores, assim como colocam Neto e Freire.

[...]a ocupação do magistério pelas mulheres se deu em função do aumento de vagas provocado pela demanda por escolarização para as meninas e pelo abandono desse campo profissional pelos homens, o processo de feminização da docência elementar teria sido gestado, a partir da segunda metade do século XIX, com o advento das Escolas Normais, responsáveis pela formação de professores e, sobretudo, de professoras.(NETO e FREIRE, 2013, p. 56)

Com a inserção das meninas nas escolas considerava-se inadequado que homens dessem aula a elas, isso já naquela época se dava por conta do receio de que pudesse acontecer algum tipo de abuso sexual tendo em vista também os impedimentos morais da época (CUNHA, 2012)

A crescente inserção de mulheres nas Escolas Normais nas três últimas décadas do século XIX sugere que já naquele momento se iniciara o processo de feminização da docência, notadamente para atuação no ensino elementar. (NETO E FREIRE 2013)

A feminização do magistério trouxe outro fenômeno consigo a feminilização do magistério que ultrapassa o simples fato da ocupação, a feminilização significava que o magistério estava adquirindo características femininas. Neto e Freire aprofundam mais essa questão.

Esse processo de feminização, por sua vez, se desenvolve acompanhado de outro, o da feminilização, que representa a identificação de características

tipicamente femininas com a docência exercida nos primeiros anos da escolaridade infantil. Trata-se de um processo caracterizado por imprimir à profissão docente traços considerados como reconhecidamente femininos, tais como a docilidade, a fragilidade, a paciência, a dependência, entre outros que, compondo o binômio – feminização/feminilização –, teriam talvez favorecido a desqualificação profissional da docência.(NETO e FREIRE, 2013, p. 57)

A feminização em conjunto com a femilização contribuiu para que a docência fosse considerada uma profissão adequada somente as mulheres, além de fazer com que essa profissão sofresse desqualificação afastando os homens dessa profissão, Herntges e Jaeger detalham isso.

Nesse sentido é possível a identificação de alguns fatores que contribuem para o afastamento dos homens da EI, entre eles cabe citar os baixos salários e baixo status social, a ideia da sociedade de que homens trabalhando na EI aumentariam o risco de abuso sexual, a possível homossexualidade associada à imagem do docente masculino e por fim as representações que associam essa profissão à atributos femininos. (HERNTGES e JAEGER, 2012, p. 3)

Mas apesar das consequências da feminização dessa profissão, a inserção das mulheres nessa profissão não foi fácil, elas tiveram que lutar para conseguir garantir um espaço no mercado de trabalho.

Diante da complexidade envolvida nessas questões, destacamos que o processo de feminização do magistério não se deu de forma pacífica, mas ao contrário, resulta das lutas das mulheres por ocupação profissional do espaço público e foi marcado por embates entre posições sociais favoráveis e contrárias a essa ocupação.(NETO e FREIRE, 2013, p. 60)

O magistério nos anos de 1930 representava para as mulheres a chance de entrar no espaço público, pois a docência era a única profissão institucionalizada e respeitada para a ocupação das mulheres da classe média. E com a saída dos homens dessa profissão por conta da grande oferta de emprego em outros setores e com alta remuneração, as mulheres usam a docência como forma de independência.

Além da grande oferta de emprego em outros setores, outro fator que afastou o homem da escola foi a questão da sociedade colocar que a docência não seria apropriada para o homem por conta de suas características masculinas. O homem que se atrevesse a ir contra os paradigmas da sociedade acabava por colocar sua masculinidade a prova, o próximo tópico aprofundará essa discussão.

III.II Masculinidade

Essa questão é algo a ser pensar, pois esse é um fator que faz com que o homem se afaste da docência, logo

...pensar a educação, e mais especificamente a docência masculina com crianças, a partir dos estudos de gênero significa entender e considerar que as primeiras utilizações desse termo ocorreram por volta da década de setenta e que buscavam trazer à tona o caráter histórico e social das diferenças entre os homens e as mulheres para poder suplantar a ideia das diferenças baseadas nas determinações biológicas. (CUNHA, 2012, p. 7)

As diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres fez com que historicamente e socialmente eles fossem considerados seres diferentes em suas características emocionais, atribuindo o mercado de trabalho ao homem e o cuidado de casa à mulher. Com a entrada das mulheres no magistério e com sua feminilização a docência passou a ser uma profissão onde somente mulheres teriam a capacidade de exercê-la por conta de suas características femininas. Por conta disso, muitos homens se afastaram da docência, para reafirmar sua masculinidade, que no exercício dessa função poderia ser questionada pela sociedade.

A **masculinidade** e a feminilidade são coisas caracterizadas pela própria sociedade, o “ser homem” e o “ser mulher” podem mudar de pessoa para pessoa, pensando nisso Herntges e Jaeger afirmam que:

Dessa forma, fica evidente o modo como ainda é entendido o papel da mulher como cuidadora, carinhosa, paciente, adjetivos que não compõem o universo de significações do sujeito masculino. Esses adjetivos remetem a uma visão normalizada do que é ser homem e mulher, porém não existe só uma forma de ser homem e mulher, mas sim diferentes maneiras de viver a feminilidade e a masculinidade. (HERNTGES e JAEGER, 2012, p. 5)

Ferraz define **masculinidade** como um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação. Apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados. (FERRAZ, 2007, p. 3)

A **masculinidade** é algo colocado pela sociedade, um padrão de comportamento determinado para os homens e que se não for colocado em prática pode fazer com que as pessoas façam juízo de valor a respeito de sua sexualidade.

Algumas características que determinam que o homem tem **masculinidade** continuam a ser exigidas, mas outras características têm mudado devido a posição das mulheres na sociedade de hoje. Ferreira e Carvalho colocam que:

A representação da masculinidade branca, heterossexual continua a existir, mas muitos de seus valores referentes ao homem macho, viril, dono de poderes, são questionados. (FERREIRA e CARVALHO, 2006, p. 148)

Os homens sofrem muita pressão da sociedade no que diz respeito a ter características masculinas, ter que manter um determinado comportamento que é imposto, pode ser um desconforto para o homem, mas para não levantar questionamentos, se manter nesse comportamento se torna a melhor opção. Brabo e Oriane apontam que:

Ao contrário das mulheres, os homens precisam comprovar a todo instante que realmente são *homens*, questão que se torna um problema, tendo em vista que o peso social se torna maior, porque qualquer comportamento que saia dos padrões heteronormativos permite o questionamento da masculinidade do homem. (BRABO e ORIANE, 2013, p. 150)

Os homens que optam pela docência se sentem coagidos e analisados, percebem que as pessoas que os rodeiam no local de sua prática pedagógica colocam sua **masculinidade** em questão, e eles com o tempo devem provar sua o contrário do que as pessoas pensam. Como mostra o relato de um professor analisado por Brabo e Oriane.

Em relação à sua masculinidade, o professor, em entrevista, afirmou que, em seus primeiros dias de atuação, sentiu-se avaliado. Além do estranhamento natural de um homem atuar nessa profissão totalmente feminina, ele contou que sabia que, mesmo de forma indireta, sua masculinidade havia sido questionada. (BRABO e ORIANE, 2013, p. 151)

Para os homens a **masculinidade** é algo que deve ser provado todo dia, ela precisa ser mostrada, principalmente porque a homossexualidade é carregada de preconceitos, apesar de não ser um problema em si para a história nem para a sociedade, há muita repressão. Por isso, provavelmente, enquanto a homossexualidade for considerada anormal e houver homofobia, a necessidade de se afirmar como homem estará presente em muitos homens da nossa sociedade (RABELO, 2009). Devido a isso a **masculinidade** é considerada uma coisa que o homem adquire ao longo da vida, já a feminilidade da mulher é tratada como natural que já nasce com ela. Assim mostram Ferreira e Carvalho.

Ser homem envolve a condição de encarar a masculinidade como um objetivo e um dever, afirmando-se no imperativo, mais do que no indicativo. Implica um esforço que não é exigido das mulheres, como se a feminilidade

fosse natural e a masculinidade precisasse ser conquistada, e a alto preço. (FERREIRA e CARVALHO, 2006, p. 151)

Em se tratando da representação da **masculinidade** nas escolas, os profissionais da educação não vêem no homem alguém capaz de educar crianças, por conta deles serem vistos como impacientes e rudes, mas o colocam como mais adequado para trabalhar em outras áreas da escola. Assim pode ser observado no relato de Ferreira e Carvalho.

[...]ao estudar a educação em creches na cidade de São Paulo e focalizar as representações do masculino, por adultos e crianças, identificou, além do velho dilema do despreparo das educadoras para tratar das questões da sexualidade, reações diferenciadas sobre a presença do homem na creche. Umachavam que eles daria certo nas funções de zelador, segurança, coordenador, diretor. Outras, mesmo que achassem a idéia simpática, consideravam “um pouco estranha” essa presença. Já os familiares afirmaram que “homem não deve dar banho em menina”. (FERREIRA e CARVALHO, 2006, p. 152/153)

A representação de um docente do gênero masculino na escola, não traz somente a visão de que ele está na profissão errada ou posição errada na escola, mas na visão dos pais vai muito mais além do ser professor, como apontam Brabo e Oriane.

Outro aspecto a ser ressaltado a respeito da prática pedagógica do professor foi que, nas entrevistas, tanto a diretora quanto a atendente comentaram que muitas mães pediam para colocar seus filhos e filhas na turma do professor naqueles casos em que estavam com problemas com os maridos, ou separadas, para que o professor substituísse a figura paterna. (BRABO e ORIANE, 2013, p. 153)

A **masculinidade** na visão dos pais precisa está presente no dia a dia delas, e para aquelas crianças que por algum motivo não têm a presença do pai o professor é visto como um substituto, isso faz com que algumas mães tenham preferência pelo docente do gênero masculino. Isso faz com que a masculinidade não seja algo que só afaste o homem da docência, mas que em determinadas situações o aproxime dela, mesmo que seja para suprir a carência paterna, ou até mesmo por suas características masculinizantes, como coloca Rabelo em sua análise de entrevistas de professores de Portugal e do Brasil.

Apesar de todas essas representações de gênero preconceituosas, alguns professores entrevistados e inquiridos (de AV-PT e do RJ-BR) demarcam que são bem recebidos na profissão, acontecendo até mesmo uma discriminação positiva por serem do sexo masculino, ou seja, uma preferência por eles, visto que o homem seria mais disciplinador, competente e profissional do que a mulher. (RABELO, 2009, p. 645)

Isso levanta a questão de como são as relações de gênero na escola, como elas se estabelecem. Essa questão será debatida a seguir.

III.III Relações de gênero

As relações de gênero na sociedade sempre foram marcadas por lutas, principalmente das mulheres para conquistar seu espaço na sociedade, por isso o gênero é algo importante de se abordar, e aqui trataremos dessa questão, mas voltada para a educação onde quem luta por relações mais igualitárias são os homens. Essa mania da sociedade de atribuir funções como “naturais” aos homens e as mulheres faz com que se torne necessário levantar essa questão no meio educacional. Como coloca Cunha.

o conceito de gênero pode ser um conceito relevante, útil e apropriado para as questões educacionais por perseguir a neutralização da ideia quase compulsória do caráter “natural” atribuído ao que é o feminino e ao que é o masculino. (CUNHA, 2012, p. 7)

Essa construção feita pela sociedade, de que a docência é uma profissão feminina, faz com que os próprios estudantes de pedagogia acreditem que as mulheres são mais indicadas para essa profissão. Assim mostra a análise de Ferraz.

Na fala dos alunos fica claro um reconhecimento da parte deles de que no curso há uma predominância de mulheres, e de que elas ‘naturalmente’ seriam mais ‘inclinadas’ para lidar com as crianças. Quando falam de suas expectativas, eles sugerem que o ensino nas séries iniciais não seria uma opção, a não ser “...não tendo outra alternativa...”. Já quando mencionam que “as pessoas” pensam que o curso de Pedagogia forma apenas mulheres e para a docência em salas das primeiras séries, eles mencionam a existência de outras habilitações no curso, a exemplo da supervisão e orientação educacional, área na qual pretendem atuar. (FERRAZ, 2007, p. 5)

Por acharem que a sala de aula é mais apropriada as mulheres, os homens, às vezes, acabam exercendo outras funções na escola, como: coordenador, diretor e supervisor, isso não se dá somente por alguns homens acharem que essas funções são mais apropriadas, mas sim por terem privilégios nos cargos de maior prestígio na educação por conta das representações da sociedade de que o homem seria mais disciplinador e autoritário. (RABELO, 2009)

Mas na escola de EI e EF os homens não têm só privilégios, mas também sofrem preconceito por estarem quebrando uma barreira construída pelas relações de gênero, pois não é comum ver homens que sejam pedagogos e quando se vê acaba causando estranhamento por parte da comunidade escolar, Rabelo mostra isso em sua pesquisa.

Eles são homens que estão na escola repensando os papéis masculinos e femininos nas profissões e, por estarem incluindo mudanças nos papéis de gênero, acabam por sofrer muitas discriminações que foram relatadas e descritas por nossos entrevistados e inquiridos (mais no RJ-BR, onde 43,5% dos professores já presenciaram ou sofreram alguma discriminação, do que em AV-PT, com 15,25%). (RABELO, 2009, p. 643)

A pesquisa de Rabelo, que compara Portugal e Brasil, mostra que a discriminação sofrida pelos pedagogos acontece em maior número no Brasil, e tanto no Brasil quanto em Portugal essa profissão é muito desvalorizada, a diferença é que em Portugal o salário dos pedagogos é maior fazendo com que lá os homens tenham menos receio de procurar essa profissão, pois precisam de um bom salário por conta da representação da sociedade de que eles são os chefes de família e devem garantir o sustento.

Na pesquisa a autora analisa que alguns homens acreditam que ser professor oferece algum tipo de poder, pois essa profissão coloca seu corpo em evidência, segundo Rosa e Lima o professor deve ter um autoconhecimento para saber se colocar em uma postura que lhe dê poder, a imagem que se passa para os alunos pode influenciar no comportamento deles em relação ao professor. A parte de uma entrevista feita por Rosa e Lima mostra a percepção de um professor em relação a isso.

Eu percebo que a gente vai caminhando e as pessoas vão nos reverenciando pelo fato de sermos professores. Por mais que a gente tenha dificuldade de perceber isso, quando um professor vem numa direção, todo mundo se abre no corredor para que ele passe e todo mundo o cumprimenta, não importa se as pessoas gostam ou não gostam, mas todo mundo o reverencia. (ROSA e LIMA, 2013, p. 127)

Ser reverenciado faz com que o professor se sinta valorizado e que ele se coloque numa posição de poder, isso pode fazer com que ele desenvolva melhor seu trabalho pedagógico, mas por outro lado pode deixá-lo autoritário, isso vai depender da visão do professor.

III. IV Escolha profissional

Os homens que escolhem fazer pedagogia geralmente têm esse curso como sua primeira opção, e quando a escolhem é porque em algum momento da vida já tiveram contato com essa profissão e se identificaram com ela. Como mostra a pesquisa de Ferraz.

Com exceção de um deles, Pedagogia foi a primeira opção na inscrição para o exame vestibular. A maioria tem ou já teve alguma experiência profissional ligada à educação, nenhuma como professor das séries iniciais. **M** diz que foi educador popular numa ONG que trabalha com adolescentes e crianças, e **C** atualmente é integrante de um projeto de extensão que desenvolve um trabalho junto a crianças hospitalizadas no Hospital Universitário. (FERRAZ, 2007, p. 4)

Os motivos que levam os homens a escolherem a docência como profissão são muito diversos, as pesquisas de Rabelo (2009), mostram que os homens gostam de lidar com crianças e que a maioria escolheu essa profissão por afinidade e não porque essa foi a melhor opção possível. Ferreira e Carvalho apontam alguns dos motivos que fazem os homens optarem pela docência.

Os motivos da opção deles pela docência são: o gostar, a vocação, a identificação com algum professor na sua vida escolar, motivos religiosos, e até mesmo o mercado de trabalho, que “não fica saturado”. (FERREIRA e CARVALHO, 2006, p. 153)

O fato dos homens gostarem de ser docentes facilita sua prática pedagógica, mas esse gosto pela profissão está associado a outros fatores que também estão presentes na prática pedagógica, como mostra Rabelo.

Nos inquiridos o “gosto pela profissão” é relacionado muitas vezes com um “gosto por estudar, por ensinar, formar, transmitir e partilhar conhecimentos”, além disso o gosto por ensinar e pela profissão aparece nas respostas como sendo inerentes à profissão. (RABELO, 2010, p. 166)

O homem escolhe a docência porque gosta e esse é um dos fatores mais decisivos para que o trabalho pedagógico seja bem feito, quando se gosta do que faz, se faz bem ainda mais quando se tem um objetivo com aquilo que se pratica. Rabelo mostra isso na análise de entrevistas com pedagogos.

Os inquiridos destacam a sua facilidade para lidar e comunicar com crianças, a possibilidade de maior transformação social pela atuação com crianças (que são o futuro da sociedade), e algumas características das crianças que são veneradas, como sinceridade, espontaneidade, energia, alegria, enriquecedoras (aprende-se com elas todos os dias), desafiadoras, abertas,

motivadoras... No entanto, o gosto por crianças também é associado às vicissitudes da vida e influências de outras pessoas na sua opinião. (RABELO, 2010, p. 169)

Na hora de escolher a profissão os homens levam muita coisa em consideração, mas se tratando especificamente a docência o gostar com certeza pesa mais na decisão, caso contrário ela optaria por outra profissão, pois a profissão docente apesar de ter um mercado de trabalho amplo e uma profissão desvalorizada socialmente e mal remunerada.

III. V O que as pesquisas retratam sobre a docência masculina

Foram encontrados 05 artigos que tratam da temática com a pesquisa nas Qualis B1 a B5 dos anos de 2000 a 2013. Para fazer a seleção dos artigos algumas palavras chave foram fundamentais, como: docência masculina, gênero na escola, feminização do magistério e masculinidade. A seguir estão as sínteses dos artigos encontrados.

O artigo “Questões sobre a formação de professores: Profissionalização, formação e feminização/femilização” dos autores Neto e Freire, os autores mais citados são Chapoulie (1973), Saviane (2009), Freire (2012). A Metodologia utilizada foi a análise da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e a pesquisa bibliográfica. Decorrendo a história da educação no Brasil, o autor procura desvendar a causa do quadro decrescente de professores no país. Sua categoria de análise aborda a relação da feminização com o quadro decrescente de professores. Como resultado o autor constata que a falta da identidade da profissão docente faz com que ela seja desvalorizada e as pessoas, mesmo se habilitando a exercê-la, muitas vezes atuam em outra área.

No artigo “Gênero, masculinidade e magistério: horizontes de pesquisa” dos autores Ferreira e Carvalho os autores mais citados são Connell (1995), Louro (1997) e Scott (1990). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e análise de dados do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). O texto trata brevemente dos estudos de gênero no Brasil e aborda o exercício do magistério por homens em escolas de educação infantil e ensino fundamental. Sua categoria de análise é a reflexão do magistério na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, a partir das categorias gênero e masculinidade. Resultados: Os poucos estudos disponíveis sobre o exercício do magistério por sujeitos do sexo masculino não indicam diferenças marcantes em relação aos modelos femininos de docência.

No artigo “O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades” dos autores Rosa e Lima os autores mais citados são Connell (1995), Louro (2004) e Oliveira (2004). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e entrevistas semi estruturadas. No texto explica que o corpo é usado como divisor em questões de classe, gênero e sexo. Sua categoria de análise está relacionada ao poder que o corpo dá a um professor. O autor conclui que o corpo do docente consegue transmitir muito aos alunos, como: autoridade, responsabilidade e educação.

No artigo “Os professores do sexo masculino no ensino “primário”: um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas do Rio de Janeiro (Brasil) e de Aveiro (Portugal)” da autora Rabelo os autores mais citados são Williams (1995) e Almeida (1998). A metodologia utilizada foi de cunho quantitativo e qualitativo com a aplicação de questionários e entrevistas semi estruturadas. O texto tem a finalidade de comparar como é o trabalho do professor no Brasil e em Portugal. Sua categoria de análise está voltada para as consequências da escolha dos homens pela docência. Resultados: os homens que estão no ensino primário, mesmo sofrendo preconceitos, podem sim ter sucesso na carreira.

No artigo “Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na educação infantil” de Brabo e Oriani os autores mais citados são Almeida (1998), Carvalho (2009) e Louro (1997). A metodologia utilizada foi pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e entrevistas semi estruturadas. O texto procura refletir sobre a importância da escola para desnaturalizar as diferenças construídas e reforçadas culturalmente de ambos os sexos e o quanto ainda existem dificuldades para o desenvolvimento da educação na perspectiva da igualdade de gênero, principalmente em níveis de ensino como a Educação Infantil, em que os aspectos relacionados à feminilidade são tão presentes. Sua categoria de análise é a reflexão da masculinidade na educação infantil. Resultados: mostra-se que a identidade masculina e feminina, bem como os papéis sociais para ambos os sexos, historicamente, são construções humanas que podem ser modificadas, principalmente na escola.

Os artigos tratam bastante da questão da feminização do magistério, pois isso é a base para entender a docência masculina na EI e EF. Outra questão que foi bastante decisiva para compreender a docência masculina foi a masculinidade, ela se mostra como um obstáculo nessa profissão para os homens. Todos os artigos contribuíram bastante para o entendimento dessa profissão aos olhos do gênero masculino.

A sociedade está modificando suas relações de gênero, mesmo que lentamente, segundo Rabelo os homens estão se sentindo mais a vontade como docentes e mostrando sentimentos que eles geralmente tem receio em demonstrar.

As narrativas e a grande quantidade de respostas nos inquéritos por questionários que recolhemos possibilita analisar que as questões de gênero têm-se modificado (pelo menos um pouco) na nossa sociedade, pois os homens demonstram a sua sensibilidade, paciência sem medo de serem estigmatizados. (RABELO, 2010, p. 171)

Os meios de comunicação têm ajudado bastante a mudar a visão de que o homem tem que ser bruto e autoritário para afirmar sua masculinidade, mostrando que o homem pode sim ser sentimental e demonstrar isso com as crianças. Brabo e Oriane relatam isso em sua análise.

A mídia tem realmente contribuído para uma nova imagem de homem que ele identifica como o *novo pai*, que, além de se responsabilizar pelo sustento da família, também demonstra carinho em relação às crianças. (BRABO e ORIANE, 2013, p. 151)

Isso mostra que as relações de gênero estão se adequando a um novo modelo de sociedade, para que homens e mulheres possam exercer a profissão que acharem mais adequado para si, sem sofrer qualquer tipo de discriminação. Felizmente estamos caminhando para a igualdade de gênero pelo menos no mercado de trabalho.

Nesse capítulo percebe-se que o processo de feminização e feminilização do magistério não aconteceu por acaso, vários fatores influenciaram, como: a baixa remuneração e a associação do trabalho docente com a atividade materna. Isso fez com que a masculinidade fosse distanciada dessa profissão, não sendo considerado trabalho para “homem de verdade”. Mas quando os homens decidem pela docência é porque gostam do que fazem e enfrentam o preconceito que existe em volta dessa escolha.

No próximo capítulo algumas dessas questões retornaram, mas em relatos reais de pedagogos que atuam em escolas públicas, para que assim possamos debater o que os autores relatam com a experiência de homens que vivem no mundo da docência na Educação infantil e nas Series iniciais do ensino fundamental.

Capítulo IV – A realidade da docência masculina no DF

Foram aplicados 30 (trinta) questionários parahomens pedagogos que trabalham na rede pública de ensino do Distrito Federal nos anos iniciais do ensino fundamental. O questionário teve como objetivo verificar em que condições os homens docentes trabalham, no que diz respeito às relações de gênero na profissão docente.

O questionário aplicado tinha 30 (trinta) questões e nele havia tanto questões abertas e fechadas quanto de múltipla escolha. A análise do questionário foi dividida em categorias para facilitar o entendimento da pesquisa. Categorias são as classes em que serão divididas as idéias ou termos que serão analisados. As categorias escolhidas para análise são: escolha profissional; exercício profissional; perfil da profissão; e discriminação. É importante esclarecer que as categorias emergiram após a leitura dos questionários e, portanto representam uma tentativa de síntese sobre as relações de gênero na profissão docente.

Dos 30 homens que responderam ao questionário 70% são formados em pedagogia e 30% têm apenas o magistério (ensino médio). Os professores que fizeram apenas magistério já estão há quase vinte anos na profissão e já trabalharam em outra área, os que fizeram o curso de pedagogia trabalham como pedagogos há pelo menos 5 (cinco) anos e não trabalharam em outra área antes disso até então. Isso mostra que com o passar do tempo o número de pedagogos homens está aumentando, têm mais homens optando pelo curso de pedagogia.

A seguir as categorias analisadas.

a) Escolha profissional

Na questão que tratava dos motivos que os levaram a escolher a docência como profissão as respostas que mais se repetiram foi: Gosto de ser professor, gosto de crianças e quero fazer mudanças na sociedade, pois vêem as crianças como o futuro dela. Apenas dois responderam que era a melhor opção no momento. Isso quer dizer que apesar da maioria escolher a profissão docente por gostar, segundo Rabelo (2013) ainda tem gente que escolhe por ser uma área boa de empregos facilitando a entrada no mercado de trabalho dando a garantia de uma vida estável.

Esta questão gera uma dúvida que persiste quanto a carreira do magistério: será que é necessário “gostar” de criança para ser professor/a? Ou melhor, é suficiente gostar de criança para lecionar? E talvez mais intrigante seria constatar quais realmente eram os maiores impulsionadores da escolha dos poucos homens que se enveredam pela profissão docente, e porque esta é tão indisponível e inacessível a eles, sendo uma carreira considerada feminina e que (possivelmente em um esforço para que ela continue sendo específica de mulheres) acaba por discriminar tais sujeitos que precisam afirmar-se em tal posto de trabalho se não quiserem dele abdicar. Segundo Rabelo

...não basta gostar de criança para estar apto a lecionar. Pontuamos que talvez esse olhar ingênuo faça com que a profissão seja tão desvalorizada, não só aos olhos dos governantes, mas aos olhos dos pais e das mães que deixam seus filhos na escola. Ao mesmo tempo, o gostar de criança e da profissão é um aspecto importante da profissão docente, embora concluamos que é necessário muito mais do que isso para um profissional ser “bom” ou competente no que faz. (RABELO, 2010, p. 170)

Lembrando que:

A escolha profissional é historicamente indissociável do postulado geral segundo o qual há indivíduos para cada tipo de ofício. Além disso, este problema está intimamente relacionado com referenciais de classe, gênero, raça – entre outras formas de divisões sociais – pois admitimos que tais considerações funcionam pessoalmente como apropriações/aprendizagem dos jogos estratégicos e relacionais em que cada um constituiu-se a si mesmo e, ao mesmo tempo, contribuiu para a continuação e/ou modificação dos discursos (RABELO, 2013, p. 213)

Quanto a essa escolha e apoio da família, maioria (95%), com exceção de 5% dos inqueridos, foram apoiados pela família na escolha da profissão, dizendo que o importante é fazer o que gosta. Um dos que não foram apoiados pela família relatou que:

Sempre gostei de ser professor; desde criança. Eu estudava ensinando para minha mãe ou para alunos imaginários. Eu elaborava aulas para aprender melhor o conteúdo. Minha família me incentivava a fazer medicina, por isso sempre foram contra a escolha dessa profissão. Mas, insisti, venci essas barreiras e hoje estou aqui, muito feliz por essa escolha. (Questionário 1)

Outro respondente retratou a desaprovação, não da família, mas dos amigos e conhecidos, isso mostra que a sociedade não tem uma boa representação do pedagogo.

Minha família nunca me forçou a seguir nenhuma profissão específica, diferentemente do meu círculo de amigades, que foram muito taxativos ao desaprovarem tal escolha. De algumas pessoas que desaprovaram tal escolha à época, acredito que estou muito mais realizado profissionalmente do que elas. (Questionário 2)

É comum os homens enfrentarem algumas barreiras quando optam pela docência na Educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, mas muitos enfrentam essas barreiras e colocam sua vontade em primeiro lugar. Assim como colocam Herntges e Jaeger.

Mesmo com todas as dificuldades que os homens enfrentam ao optar por uma profissão naturalizada como feminina, como é o caso da docência na educação infantil, alguns homens ousam enfrentar os preconceitos para que possam exercer a profissão que escolheram. (HERNTGES e JAEGER, 2012, p. 9)

Rabelo (2013) fala o que sentiu e percebeu nas entrevistas com pedagogos, ela apontou quais são os principais obstáculos e receios desses profissionais.

...nas entrevistas, os relatos foram recheados de emoções que envolveram, entre outros aspectos, a não aceitação familiar da escolha profissional; a implicância de colegas associada ao baixo rendimento e a suspeitas de homossexualidade decorrentes da atuação como docente nesse segmento; as discriminações por parte de colegas e pais/mães de discentes; o estranhamento quando diziam ser professores de crianças tão novas. (RABELO, 2013, p. 911/912)

No que se trata da representação que esses homens que responderam ao questionário tem a respeito de sua profissão, as respostas são as mais variadas, a mais freqüente e que através de sua profissão eles possam mudar a sociedade, já que as crianças são o futuro dela, mas uma resposta ganha destaque pela complexidade que o professor coloca, dizendo que ser professor:

Significa ter uma responsabilidade enorme em minhas mãos, pois da mesma forma que eu posso fomentar o interesse pelo conhecimento nos alunos, eu posso fazer o caminho inverso. E no segundo caso, ao invés de contribuir na emancipação de sujeitos que são historicamente desprivilegiados, posso reforçar mais ainda essa condição de desigualdade social e, inclusive, econômica. Levo muito a sério minhas intervenções nos anos iniciais, pois acredito que nessa fase conseguimos intervir num número maior de estudantes. Em conversa com professores de outras etapas da educação básica, parece-me que quanto mais velhos os estudantes, maior o número de ocorrências envolvendo violência, drogas, evasão escolar, desinteresse/dês encantamento pela escola. Por isso, acredito que essa fase (anos iniciais) é crucial para encaminhar bem um aluno engajado, bem alfabetizado e com

uma base que lhe proporcione perpetuar tranquilamente no resto de sua caminhada escolar. (Questionário 3)

Em sua resposta o professor levanta a questão da desigualdade social, que se torna um desafio a ser superado pelo professor, já que na escola pública a maior parte das crianças são de famílias carentes, isso é uma barreira a mais para um bom exercício profissional, mas muitos profissionais enfrentam e superam.

Também em relação a representação, percebe-se uma perspectiva utópica e pouco profissional da docência por parte dos professores pesquisados, colocando a superação das conseqüências de uma sociedade capitalista como seu dever, mesmo que possam contribuir na melhora da vida de um estudante, não devem tomar essa responsabilidade somente para si, mas também atribuir isso ao histórico de desigualdade social existente na sociedade.

b) Exercício Profissional

Quando perguntados se os professores pretendem continuar na docência 63,4% afirmam que sim, mas 36,6% dizem que não pretendem continuar é o principal motivo é a desvalorização da profissão e a baixa remuneração e com isso se sentem desiludidos, isso se dá em grande parte pelo desinteresse dos governantes em investir na educação. É importante destacar que os motivos da desistência não têm relação direta com a questão de gênero, mas com a condição da profissão.

Segundo Rabelo (2009) a baixa remuneração é um fator que tem afastado os homens desse segmento, pois devido ao fato da maioria dos/as profissionais dessa área ser mulher indica que o sustento da família não está em sua responsabilidade, não necessitando de melhor remuneração. Rabelo fala a respeito dessa insatisfação que faz com que alguns homens queiram abandonar a docência.

Há uma grande insatisfação e sintomas de mal-estar nos professores que entrevistamos e inquirimos provocados principalmente pela desvalorização social (tanto no RJ-BR como em AV-PT) e financeira (mais no RJ-BR), presente, inclusive, nas condições de trabalho inadequadas, na falta de investimento, na mudança de valores, entre outras. (RABELO, 2009 p. 641)

Mesmo alguns homens não querendo continuar na profissão, 76,7% dos respondentes afirmam que a maioria de seus conhecidos que são professores na Educação infantil e nos

anos iniciais querem continuar na profissão, apesar de muitas pessoas acharem que a mulher é mais indicada para ela.

c) Perfil da profissão: Quem é melhor para a profissão?

Dos respondentes 76,6% acreditam que não importa se é homem ou mulher, o que realmente importa é o trabalho que ele desempenha, mas 23,3% acreditam que as mulheres são melhores para exercer essa profissão devido ao seu lado materno e suas características femininas, um professor destaca que:

Sem intenção alguma em ser preconceituoso, mas basta apenas observar como são os tipos de condução. As crianças neste período requerem um certo "tratamento materno", principalmente na pré-escola e 1º ano, dos quais os homens ainda precisam dominar (mais). (Questionário 4)

Brabo e Oriane falam a respeito das características que a sociedade colocam como femininas, que fazem com que elas sejam mais indicadas para a profissão.

Assim, a mulher é eleita como ideal para atuar com as crianças pequenas porque, de acordo com suas características biológicas, ela traz consigo a *aptidão natural* para o *cuidar*. (BRABO e ORIANE, 2013, p. 149)

Além de algumas pessoas colocarem a mulher como ideal para essa profissão, ainda há a questão da masculinidade que é associada à negação de todas as características femininas, os autores colocam que:

...a construção da identidade masculina ainda tem sido muito associada ao ““não ser”: não ser feminino, não ser homossexual, não ser dócil, não ser efeminado na aparência física ou nas maneiras. (HERNTGES e JAEGER, 2012, p. 6)

Nem todos pensam assim, um professor que acha que não importa o gênero que exerce a profissão questiona o fato de algumas pessoas acharem que a mulher é melhor para a profissão usando um argumento histórico.

Não vejo que homens e mulheres tem aptidões diferentes ou maior ou menor para o magistério dos anos iniciais. Penso que o discurso de que as mulheres tem mais aptidão para o magistério é algo construído historicamente e faz parte do processo de feminização do magistério. (Questionário 5)

De fato o que interessa é o trabalho pedagógico que a pessoa realiza e isso independe do gênero, pode acontecer da mulher desempenhar um trabalho ruim e o homem surpreender os preconceituosos com um ótimo trabalho. Como aponta Rabelo (2010) em sua análise, os homens sentem facilidade de lidar com as crianças e de devolver atividades com elas, fazendo com que eles sejam respeitados e preferidos.

d) Discriminação

Dos professores que responderam ao questionário 53,3% já sofreram algum tipo de discriminação e a mais citada por eles e a questão das pessoas acharem que eles são homossexuais, segundo Rabelo (2010) para não ser considerado homossexual os homens devem se calcar sobre os esquemas ditos normais da virilidade, um respondente relata sua indignação sobre essa questão.

Mesmo que seja de forma velada, sempre existe piadas de cunho homofóbico do tipo "ele é pedagogo, logo é viado" e outras várias que não caberiam aqui. Importante salientar que esse preconceito é tão enraizado na profissão (principalmente pelo fato de historicamente ter sido composto por mulheres e por ser confundido com o a função de zelar/cuidar que era específica da mulher) que até eu era preconceituoso. De fato, o conhecimento foi me elucidando e desconstruindo esses pré-conceitos. (Questionário 6)

Além de associarem o professor homem a homossexualidade, há outro fator que está muito presente quando se trata de discriminação que é o medo da pedofilia que é retratada por alguns professores, um deles coloca que:

Há aqueles preconceitos de achar que homem que exerce o magistério é "viado", pode abusar sexualmente de crianças, ou que não teve outras oportunidades profissionais. Em algumas situações, já percebi essas coisas. (Questionário 7)

O medo do abuso sexual aparece constantemente quando se trata de um homem ser professor de crianças pequenas, Rabelo fala a respeito disso.

A suspeita ou preocupação de que os professores do sexo masculino atuantes nas séries iniciais do ensino fundamental possam ser pedófilos ou assediar os/as alunos/as segue essa mesma *lógica* de preconceitos de gênero e vai mais além, pois tal representação contém o temor da *sexualidade masculina*. (RABELO, 2013, p. 918)

Isso faz com que o professor tenha receio de estabelecer uma relação mais afetuosa com as crianças, e faça disso uma preocupação. Como coloca um professor.

A mulher tem um sentido materno mais afinado. Os homens funcionam mais com a razão. Por outro lado, com a questão da pedofilia, há uma preocupação maior com a afetividade e proximidade do professor com seus alunos. (Questionário 8)

Rabelo fala a respeito da representação de que professores do gênero masculino possam ser pedófilos, colocando que:

A suspeita ou preocupação de que os professores primários do sexo masculino possam ser pedófilos ou assediar os(as) alunos(as) é outra representação preconceituosa que os acomete. (RABELO, 2009, p. 645)

Durante o curso de pedagogia os próprios professores alertavam os alunos homens da dificuldade de conseguir emprego em escolas particulares, pois as escolas não acham que homens sejam apropriados para a profissão quando se trata de crianças. Como mostra o relato do professor.

Durante o curso havia professores do próprio curso que desencorajavam, no sentido de "abrir os olhos" em relação à auto proclamada "incompatibilidade de logística", como a situação foi batizada na ocasião. Uma oportunidade de ganhar algum dinheiro ao fim do curso eram as "escolinhas" particulares da cidade, que não empregavam e não empregam ainda, profissionais do sexo masculino. (Questionário 9)

Em alguns questionários foi relatado o preconceito dos pais dos alunos ao verem que o profissional a lidar com seu filho seria um homem, um respondente relata que uma mãe foi até a direção pedir para colocar sua filha com uma mulher, por achar que por ser homem o professor não saberia lidar com a criança, a direção recusou a troca de turma sob essa alegação, e felizmente a mãe deixou a filha na mesma turma e reconheceu o bom trabalho do professor. Outro professor conta que alguns pais acham ruim, mas outros até preferem um homem como professor, como mostra seu relato:

infelizmente ainda um pequeno grupo do segmento de pais, assim como do próprio corpo administrativo que veja com maus olhos o profissional em educação do sexo masculino com maus olhos, por razões antiquadas e preconceituosas. Mas existe também, aqueles que acreditam no oposto: que uma figura masculina a frente da educação de crianças, pode resultar em maior disciplina, assim como algo novo, uma opção a mais. (**Questionário 10**)

O preconceito às vezes aparece de onde menos se espera, mesmo não tendo rejeição da comunidade, os homens podem sofrer com representações dos próprios colegas de trabalho que esperam algo diferente dele. Segundo um respondente:

As crianças não foram muito resistentes, nem mesmo seus pais. Mas, percebi resistência das colegas de profissão e da direção da escola. Notei que esperavam que eu escolhesse turmas de 5º ano porque esses alunos são maiores. Eu era testado a todo momento. (**Questionário 11**)

Apesar de ter esse estranhamento até por parte dos próprios colegas de profissão, em todos os questionários foi interessante perceber que nenhum pedagogo sofreu qualquer tipo de discriminação por parte das crianças, pelo contrário eles relatam que as crianças adoram ter uma experiência diferente tendo um homem como professor, de início a surpresa é inevitável, mas elas acabam preferindo o professor homem à mulher. Um professor coloca que:

Até hoje, toda turma que entro, há surpresa. Imediatamente conquisto os meninos, por gostar de futebol e as meninas pelo próprio fato de ser homem. Gostaram muito e se sentiam privilegiados em relação às outras turmas. (**Questionário 12**)

Os homens aos poucos estão conquistando seu espaço e respeito no meio docente na Educação infantil e Anos iniciais do ensino fundamental, sendo em alguns momentos preferidos, como aponta Rabelo:

Enfim, geralmente, quando o professor consegue romper a barreira dos preconceitos (que significa muitas vezes a necessidade de uma grande luta de afirmação contra os empecilhos colocados, o mau recebimento e más considerações sobre ele) e consegue mostrar a sua competência e profissionalismo, ele se beneficia de vantagens na carreira e chega a ser preferido frente às professoras primárias. (RABELO, 2009, p. 646)

Mesmo conseguindo romper a barreira de preconceitos e representações que envolvem seu trabalho pedagógico, os pedagogos ainda têm preferência pelas turmas de 4º e 5º ano pelo fato das crianças serem maiores, na tentativa de evitar maiores questionamentos e desconfianças da comunidade escolar. Brabo e Oriane comentam o fato do pedagogo se afastar da Educação infantil, dizendo que:

[...]possivelmente, são os mitos e as ideias arraigadas sobre a masculinidade, associados ao medo do abuso, que ainda mantêm o homem afastado da atuação docente na Educação Infantil. (BRABO e ORIANE, 2013, p. 151)

Nenhum dos pedagogos que responderam ao questionário lecionava na Educação infantil e por mais que nessa área raramente tenha homens, podemos perceber que o

preconceito e as representações relacionadas ao trabalho pedagógico masculino estão acabando, mesmo que seja lentamente as coisas estão mudando, nenhuma profissão pode ser destinada somente para homem ou para mulheres. O relato de um professor retrata bem isso.

Não existem profissões adequadas a homens e a mulheres, pois essas representações são frutos de construções sociais e não são naturais. Eu diria também que a sociocultura associa o magistério ao gênero feminino, dentre outras razões, porque consideram que profissões relacionadas ao cuidado com o outro são funções femininas. E a inserção de homens no magistério de anos iniciais pode ajudar a quebrar esse conceito arraigado de naturalização da mulher. **(Questionário 13)**

Por mais que a sociedade coloque que certas profissões são mais adequadas aos homens e outras às mulheres por conta de suas características masculinas ou femininas, não podemos deixar que preconceitos surjam contra um homem, por exemplo, que está numa profissão dita “feminina”, pois todas as pessoas possuem capacidade para exercer a profissão que quiserem tão bem quanto o gênero oposto.

Nesse capítulo percebe-se que muitos homens escolhem a docência como profissão por gostar da atividade desempenhada pelo professor e escolhem especificamente na educação infantil e Series iniciais do ensino fundamental por gostarem de trabalhar com crianças.

Muitos professores, apesar de fazerem o que gostam, ainda são convencidos de que as mulheres são melhores para exercer a profissão por conta de suas características maternais. O fato de algumas pessoas (pais, colegas de trabalho) vêem o pedagogo homem como homossexual ou pedófilo faz com que a questão de que mulher ser melhor para a profissão seja reafirmada.

A sociedade vem mudando, pois quando o professor mostra que desempenha sua atividade com competência e responsabilidade ele ganha o respeito dos pais e dos colegas de trabalho, ganhando inclusive a preferência dos alunos frente as professoras do gênero feminino.

V IDEIAS CONCLUSIVAS

Essa monografia teve como objetivo compreender a perspectiva que a comunidade educativa tem a respeito da figura do professor na educação infantil e series iniciais do ensino fundamental. Percebe-se que por conta da docência ser considerada uma profissão socialmente feminina devido a sua associação com o trabalho doméstico, os homens que escolhem essa profissão sofrem diversos tipos de discriminações e representações, como: homossexualidade e pedofilia, por consequência dessa construção histórica que foi feita em torno das mulheres que fez com que a Educação infantil fosse sempre feminina.

Apesar de tudo que os homens passam por escolher essa profissão, identificou-se que eles são competentes como profissionais na docência e ao mesmo tempo muito satisfeitos, pois gostam da profissão que exercem mesmo indo contra tudo aquilo que a sociedade prega, onde colocam o homem pedagogo sempre associado a homossexualidade ou a pedofilia.

Por ser uma pesquisa bibliográfica houve dificuldade de se encontrar referências associadas ao tema, pois a questão da docência masculina não é muito pesquisada. Devido a isso percebe-se a necessidade de se fazer novas pesquisas a respeito do tema, pois a construção histórica de gêneros fez com que o homem sofresse preconceito e discriminação por escolher a docência como profissão, podendo causar desconforto diante de seu exercício.

A questão da masculinidade é outro fator que contribui para o afastamento do homem da docência, pois de acordo com as características masculinas que ele deve demonstrar diante da sociedade, a docência se torna uma profissão não adequada a ele.

Com a análise das respostas dos questionários percebeu-se que, de fato, o homem escolhe a docência por gostar daquela profissão, e que mesmo sofrendo discriminações por parte dos pais e dos próprios colegas de profissão, ele não desiste, mostra seu trabalho e acaba por ser preferido pelas crianças frente as professoras do gênero feminino.

REFERÊNCIAS

- BRABO; T. S. A. M. e ORIANE; V. P. *Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na educação infantil*. Educação Unisinos **17**(2):145-154, maio/agosto 2013: 10.4013/edu.2013.172.07.
- CARVALHO. M. P. de. *Modos de educação, gênero e relações escola – família*. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004 p. 41-58, jan./abr. 2004.
- CARVALHO. A. M. A.; CAVALCANTI. V. R. S; ALMEIDA. M. A. de. e BASTOS. A. C. de S. *Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural?* Paidéia, 2008, 18(41), 431-444.
- CERISARA. A. B. *Professoras de educação infantil: entre o feminismo e o profissional*. 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.
- CUNHA; A. T. B. *Sobre a carreira docente, a feminização do magistério e a docência masculina na construção do gênero e da sexualidade infantil*. Pelotas; Rio Grande do Sul; FaE/UFPel; 2012.
- FERRAZ; R. C. *Gênero, masculinidade e docência: visões de alunos de pedagogia*. PPGE/UFPB. 2007.
- FERREIRA; J. L. e CARVALHO; M. E. P. *Gênero, masculinidade e magistério: horizontes de pesquisa*. Olhar de professor, Ponta Grossa, **9**(1):143-157, 2006.
- FERREIRA. M. O. V. *Desconforto e invisibilidade: representações sobre relações de gênero entre sindicalistas docentes*. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 47 p. 15-40, jun. 2008.
- FERREIRA, N. S. de A. *As pesquisas denominadas “Estado da Arte”*. In: Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em jun/2014.
- HERNTGES; K. J. e JAEGER; A. A. *Relações de gênero, masculinidade e docência masculina*. Santa Maria; Universidade Federal de Santa Maria; 2012.
- HYPOLITO. Á. M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas, SP; Papirus, 1997.
- LOURO. G. L. *Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas*. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.
- LOURO, G. L. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2000, 2ª edição.
- NETO; J. B. e FREIRE; E. C. *Questões sobre a formação de professores: Profissionalização, formação e feminização/femilização*. Debates em Educação- ISSN 2175-6600. Maceió, Vol. 5, nº 9, Jan./Jun., 2013.

RABELO. A. O. *A escolha profissional dos homens pela docência na escola “primária”*. Revista Educação em Questão, Natal, v. 41, n. 27, p. 06-37, jul./dez. 2011.

RABELO. A. O. *Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 907-925 out./dez. 2013.

RABELO; A. O. *Os professores do sexo masculino no ensino “primário”: um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas do Rio de Janeiro (Brasil) e de Aveiro (Portugal)*. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 90, n. 226, p. 636-649, set./dez. 2009.

RABELO; A. O. *“Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária*. Revista Lusófona de Educação, 2010,15, 163-173.

ROSA; R. M. e LIMA; P. de M. *O corpo docente masculino: suas variações e (in)conformidades*. Educação; Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 123-136, jan./abr. 2013.

ROSEMBERG. F. *Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990*. Cadernos Pagu (16) 2001: p.151 – 197.

VIANNA. C. P. *O sexo e o gênero da docência*. Cadernos Pagu (17/18) 2001/02 p. 81 – 103.

VIANNA. C. P. e UNBEHAUM. S. *O Gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988 – 2002*. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121. P. 77 – 104, jan./abr. 2004.

APÊNDICE A

Questionário

Este questionário faz parte da pesquisa de Graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília: “A docência masculina nos anos iniciais no ensino público do Distrito Federal” de Guilherme Inácio Marques Leão e Suzana Medeiros Diniz Araújo. Procura-se analisar a docência e os motivos da escolhaprofissional dos professores do sexo masculino pelos anos iniciais do ensino fundamental (EF). Pedimos que disponha de um pouco do seu tempo com o seu preenchimento. Ressalta-se que toda ainformação fornecida será mantida confidencial e estará unicamente acessível, na sua versão integral, aos pesquisadores, garantindo-se, por conseguinte, o anonimato dos inquiridos.

a) Perfil:

1) Qual a sua idade? _____

2) Graduação Qual? _____

Outra Qual? _____

3) Há quanto tempo leciona em 1^a a 4^a série do EF?

Menos de 5 anos De 5 a 10 anos De 10 a 20 anos Mais de 20 anos

4) Você já trabalhou em outra área profissional? Sim Não

5) Se respondeu Sim na questão anterior. Onde Trabalhou: _____

b) Escolha profissional:

6) Razões da escolha desta profissão:(Caso necessário marque mais de uma opção)

- a. Por gostar de ser professor;
- b. Foi a melhor opção dentre as existentes;
- c. Por gostar de crianças;
- d. Por gostar de exercer autoridade;
- e. Por ter tido um ótimo professor que lhe inspirou;
- f. Um(a) amigo(a) lhe sugeriu;
- g. Pela tentativa de fazer mudanças na sociedade;
- h. Por falta de opção;
- i. Foi o curso para o qual obtive média de entrada;
- j. Pela facilidade de inserção profissional;

- k. Pela facilidade de ascensão profissional;
- l. Existe um (ou mais) professor na família que lhe motivou;
- m. Foi influenciado pela família a seguir esta carreira;
- n. Foi obrigado pela família a seguir esta carreira;
- o. Outro Qual? _____

7) Justifique a(s) alternativa(s) mais importante(s) assinalada(s) na questão anterior.

8) Numa escala de 1 a 4, em que 1 significa muito e 4 significa nada, ou Sem opinião = SO, diga qual o nível de satisfação das seguintes pessoas sobre a sua escolha profissional:

- a. Pai _____
- b. Mãe _____
- c. Amigos _____
- d. Amigas _____
- e. Namorada / esposa / companheira _____
- f. Vizinhos próximos _____
- g. Parentes _____

9) Justifique em poucas palavras o motivo da satisfação ou insatisfação deles.

10) Teve algum professor que influenciou nesta escolha? De que forma?

11) O que significava para você ser professor de EI e 1º ao 5º ano do EF quando escolheu a sua profissão?

c) Exercício profissional:

12) Em que momento da sua vida você decidiu se tornar professor?

13) Pretende continuar como professor de EI e/ou 1º ao 5º ano do EF? Sim Não
(Se respondeu “Sim”, vá para a pergunta 15)

14) Se respondeu não à pergunta anterior, isso deve-se:

- a. Sente-se desiludido;
- b. O professor de EI e/ou 1º ao 5º ano do EF é mal pago;
- c. O professor de EI e/ou 1º ao 5º ano do EF do sexo masculino é mal visto;
- d. O curso não é o que pretendia;
- e. A profissão tem baixo status;
- f. Outra Qual? _____

15) Quais as suas aspirações profissionais:

- a. Ser professor de disciplinas específicas do ensino fundamental ou médio;
- b. Trabalhar nos sectores administrativos da escola ou da educação;
- c. Trabalhar em outras áreas educacionais;
- d. Trabalhar em outra área fora da educação;
- e. Ser professor do ensino superior;
- f. Outra Qual? _____

16) Na sua opinião, quem tem mais aptidão para o magistério de EI e 1º ao 5º ano do EF?

Mulheres Homens Indiferente

Justifique:

17) Já alguma vez foi discriminado por ser professor do sexo masculino de EI e 1º ao 5º ano EF?

Sim Não

18) Durante a sua formação inicial como professor de EI e 1º ao 5º ano do EF, havia discriminação relativamente aos homens que estavam a concluir o curso?

Sim Não

19) Se alguma das respostas às questões 17 e 18 foi “Sim”, descreva qual(is) foi(foram) a(s) discriminação(ões).

20) Na sua opinião, por que existem poucos homens que querem ser professores de EI e 1º ao 5º ano do EF?

(Caso necessário marque mais de uma opção)

- a. Por ser uma área com rendimento inferior;
- b. Por não gostarem de trabalhar com crianças;
- c. Porque consideram ser uma área feminina;
- d. Porque se consideram pouco eficientes para ensinar;
- e. Por desencorajamento da família;
- f. Por preconceito da sociedade;
- g. Outra Qual? _____

21) Dos que são professores de EI e 1º ao 5º ano do EF do sexo masculino que você conhece, eles têm o interesse de continuarem na profissão?

A maioria quer Cerca da metade quer A minoria quer Não sei

22) Muitas pessoas associam a profissão docente ao gênero feminino. O que você diria a essas pessoas?

23) Como foi a reação e o tratamento das crianças, em sua primeira turma, ao saberem que você, enquanto docente do gênero masculino, seria o professor deles?

24) Como é o seu relacionamento com as crianças?

25) Você tem alguma preferência de turma/ano de EI ou anos iniciais do EF ?

26) Num primeiro momento, como foi a sua relação com “as demais” professoras da escola? Houve preconceito ou críticas?

27) Atualmente como é a sua relação com “as demais” professoras e profissionais da escola?

28) Qual foi a primeira impressão e a sua relação com os pais? Teve algum pai ou mãe que não aceitou você como professor de seu/sua filho/filha? Como ocorreu?

29) Quais são as principais características e diferenças de um professor enquanto docente do gênero masculino?

30) Quais as vantagens e dificuldades do seu fazer pedagógico, enquanto professor?
